

ÊXODOS programa educacional

Leituras, narrativas e
novas solidariedades no
mundo contemporâneo

realização

BEÏ • COMUNICAÇÃO

SESC
SÃO PAULO

AMAZONAS images

apoio



Deslocamentos populacionais e novas formas de solidariedade/fotografias Sebastião Salgado; textos Zilda Márcia Gricoli Iokoi.
– São Paulo: Bei Comunicação, 2000. – (Coleção êxodos: programa educacional)

Patrocínio: Telefonica, Rede Globo.

Apoio cultural: Natura.

Bibliografia.

ISBN 85-86518-15-8

1. Emigrações e imigrações – Aspectos sociais 2. Exilados – Fotografias 3. Migrantes – Fotografias 4. Planejamento educacional 5. Refugiados – Fotografias 6. Solidariedade I. Salgado, Sebastião, 1944- II. Iokoi, Zilda Márcia Gricoli. III. Série.

00-1367

CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Programa educacional 370

volume 1 Deslocamentos populacionais e novas formas de solidariedade

volume 2 Leituras da imprensa

volume 3 A narrativa do olhar

patrocínio

Telefonica



apoio cultural



SÃO PAULO



O valor e a necessidade da obra de Sebastião Salgado residem na capacidade que ela tem de oferecer uma das melhores respostas às diferentes possibilidades da fotografia e às expectativas críticas sobre ela já formuladas.

Ao revelar os aspectos espiritualmente dolorosos da modernidade, que teima em separar as pequenas ilhas de prosperidade dos grandes latifúndios da pobreza, Salgado usa a fotografia como uma testemunha ocular que presta contas do mundo. Mas, ao mesmo tempo, do interior desse vasto panorama social, nos aproximamos dos sentimentos individuais de seus personagens, das emoções e das sensibilidades particulares que eles transmitem – melancolia e esperança, medo ou ternura, firmeza ou desalento. Isso significa dizer que sua obra não é apenas um evidente e indispensável manifesto político, mas uma preciosa concepção de arte fotográfica que une o geral ao particular.

Fazendo o caminho inverso, partimos de uma presença definida, de alguém enraizado ou desenraizado de sua realidade, e induzimos que essas pessoas vívidas e evanescentes, claras e sombreadas, poderosas pela sobrevivência ao desastre e ainda frágeis pelas circunstâncias vividas nos conduzem gradualmente à reflexão e à tomada de consciência de um mundo em crise.

Entendemos ainda que a vida e a obra de Sebastião Salgado reúnem, à denúncia da barbárie, o desejo de uma civilização digna desse nome; e à memória da miséria, a expectativa de ser ela uma simples lembrança passada.

Razões que justificam este projeto educacional e pedagógico de cidadania, compartilhado pelo SESC e pela USP, tendo por conteúdo as imagens altamente significativas de Salgado a respeito da sociedade contemporânea. Trata-se de um incentivo para que professores e alunos de escolas públicas e privadas apreendam e discutam, criticamente, as realidades e as contradições do cotidiano: as migrações, o desemprego, a pobreza, a violência, suas causas e conseqüências, assim como as relações possíveis entre o que é imediatamente visível na fotografia (sua forma) e os sentidos que ela guarda e sugere (os significados).

Constituem, ao mesmo tempo, exercícios de pensamento e de construção ética – qualidades educativas indispensáveis às mudanças que o presente e o futuro exigem.

Danilo Santos de Miranda

Diretor Regional do SESC no Estado de São Paulo

Deslocamentos populacionais e novas formas de solidariedade

FOTOGRAFIAS Sebastião Salgado

TEXTOS Zilda Márcia Gricoli Iokoi

<i>Apresentação</i>	9
<i>Novas fronteiras de sofrimento e esperança</i>	12
<i>Surpresas ao amanhecer em Gibraltar</i>	18
<i>Refugiados políticos do Vietnã</i>	24
<i>Uma pequena prisioneira em Galang</i>	29
<i>Cabul destruída: êxodos afegães</i>	34
<i>O dilema da terra prometida</i>	40
<i>Da vida pacata nas montanhas aos campos de refugiados</i>	45
<i>Pequenos moradores de antigos trens alemães</i>	51
<i>Longe das águas e das riquezas antigas</i>	56
<i>Orfanatos e hospitais em Kibumba e Minigi</i>	62
<i>Contrastes e confrontos: refugiados de Angola e retorno a Moçambique</i>	68
<i>Ouro e cassiterita sob o chão ianomami</i>	76
<i>A terra entre o sagrado e o profano</i>	82
<i>Uma bola de esperança</i>	89

16	MIGRANTES CLANDESTINOS
22	MELILLA
27	VIETNÃ
32	INDONÉSIA
38	AFEGANISTÃO
43	PALESTINA
49	CURDOS: UMA NAÇÃO SEM ESTADO
54	AS LUTAS PELA INDEPENDÊNCIA NA IUGOSLÁVIA
60	RUANDA
66	BURUNDI
72	MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO NAS EX-COLÔNIAS PORTUGUESAS
79	PROJETOS MILITARES NA AMAZÔNIA E LIDERANÇAS INDÍGENAS
86	A LUTA PELA TERRA
92	TRABALHO INFANTIL
94	ALGUNS DEPOIMENTOS

APRESENTAÇÃO

Este trabalho apresenta aos leitores um conjunto de materiais para o estudo dos deslocamentos populacionais, considerado em dois sentidos: refugiados de guerras ou perseguidos por problemas políticos e os deslocamentos individuais. Estes últimos são desempregados, sem terras e sem tetos, populações indígenas ameaçadas pela exploração predatória da floresta em razão da ação de empresas mineradoras e madeireiras, além daqueles que migram pelos bairros, nos submundos das novas metrópoles periféricas. Os dois grupos representam parte da humanidade ameaçada em si mesma, indicando aos demais seres humanos os riscos globais que envolvem a todos.

Trata-se de discutir o tema da exclusão a partir das imagens registradas por Sebastião Salgado e publicadas nos volumes *Êxodos* e *Retratos*, editados pela Companhia das Letras. O caminho escolhido foi o da construção de narrativas literárias que, juntamente com as narrativas fotográficas de Salgado, permitam ao leitor analisar criticamente a situação de populações inteiras atingidas pelo processo de globalização negativa, ou seja, a exclusão econômica, social e política de parcelas significativas da população do planeta.

Objetiva-se levar o leitor a refazer a viagem de Salgado por diferentes lugares, partindo, no primeiro capítulo do livro *Êxodos*, da fronteira entre o México e os Estados Unidos, onde milhares de pessoas oriundas de Honduras, Guatemala, México e Colômbia enfrentam cotidianamente a polícia para adentrar o território americano, na expectativa de viver em melhores condições econômicas. Daí, segue-se para o estreito de Gibraltar, conexão de migrantes individuais de inúmeros lugares da África que, pelo Marrocos, tentam penetrar na Europa através da Espanha. Além deles, rumando ao Leste Europeu, encontram-se judeus russos migrando para Nova York fugindo da intolerância.

Os sul-vietnamitas, por sua vez, empreendem seu deslocamento abandonando Saigão, fugindo do regime comunista e espalhando-se por Hong Kong, Indonésia, Japão, Macau, Malásia, Cingapura e Filipinas, além dos muitos que se dirigiram para os Estados Unidos.

Outro ponto de intensos deslocamentos populacionais em consequência das guerras constantes é o Oriente Médio. Dois grupos são apresentados: os afegãos e os palestinos, estes últimos há mais de meio século no exílio. Em seguida, Salgado registra a agonia dos curdos, que acabaram desterritorializados, estando hoje numa condição de ser um povo sem Estado. Eles perderam seus elos identitários, sua língua e a própria alteridade; e os refugiados de guerra da ex-Iugoslávia, espalhados por diferentes campos na Croácia, em Krajina, na Bósnia, na Sérvia, na Albânia e na Itália.

O capítulo II dedica-se ao registro dramático das várias tragédias que envolvem o continente africano. O recrutamento forçado de crianças no sul do Sudão e os conflitos inter-étnicos em Ruanda mostram a banalização da vida, a infância negada e o uso político das grandes potências na estimulação de disputas entre grupos rivais espalhando o terror, a miséria e as doenças para milhares de pessoas, com o objetivo de apropriação de riquezas e áreas de influências. Salgado registra o plantel de minas explosivas e o volume de corpos e de mutilados em Angola e retrata a alegria do retorno dos refugiados de Moçambique em seu reencontro com a pátria e a paz.

No terceiro capítulo, além das reflexões sobre a globalização e a destruição de culturas e tradições dos povos da floresta, tomando como exemplo o drama dos Ianomami, aponta-se para o processo das migrações rurais/urbanas e as resistências dos grupos Zapatista de Chiapas, no México, e do Movimento Sem-Terra, no Brasil. A partir desse processo, destacam-se as novas metrópoles periféricas e as condições desumanas do vivido de milhares de trabalhadores em São Paulo e na Cidade do México ou em megacidades da Ásia.

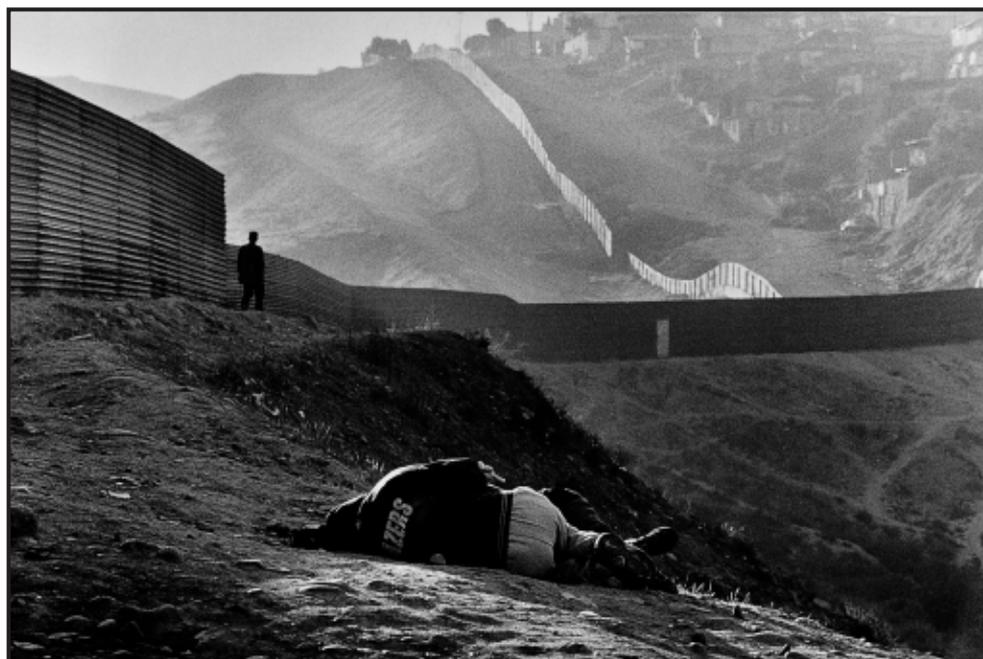
Um grito de alerta sobre a destruição da humanidade aparece nesta viagem. Trata-se de um fenômeno mundial, como pode ser atestado na documentação produzida, tanto no que diz respeito às autoridades dos organismos internacionais, dos governos de todos os países, mas especialmente a cada um de nós.

Além das narrativas fotográficas selecionadas para esse projeto educativo, foram criadas narrativas literárias, organizados alguns resumos históricos e conceituais para a compreen-

são dos processos registrados. Bibliografias de referência, uma cronologia geral e indicações de filmes servem de apoio ao entendimento dos fenômenos apresentados. Finalmente, um conjunto de mapas permite a localização dos lugares onde esses sujeitos realizam seu vivido.

É por essa razão que o projeto educativo constituído como extensão da publicação do livro e da exposição *Êxodos* tem por objetivo priorizar os educadores das escolas regulares, das escolas profissionais, das ruas, das centrais sindicais e do Movimento Sem-Terra. Ao atingir os formadores de opinião, pretende-se que o drama apresentado sensibilize os adultos e as crianças de todos os lugares, criando um movimento em defesa da vida e da preservação da humanidade do homem. Um retorno à ética e aos fundamentos filosóficos da condição humana. Novas solidariedades e formas de agregação social devem ser criadas. Novos princípios de desenvolvimento e outro entendimento do direito estão sendo engendrados neste dramático final de século. Um novo sentido de futuro deve ser concebido para a proteção das crianças que vivem nas condições de migrantes e refugiados e que, apesar disso, mostraram altivez e dignidade ao serem retratadas por Sebastião Salgado. O olhar dessas crianças estimula nosso sentimento de urgência na construção de outro modo de ser.

A demanda de Salgado foi prontamente atendida por Iris Kantor, que coordenou o Programa Educacional, criando as melhores condições para o desenvolvimento deste programa. Maria Blassioli e Maurício Cardoso auxiliaram na reconstrução das historicidades dos inúmeros processos sociais indicados, desenvolvendo pesquisas históricas, elaborando cronologias para os diferentes fenômenos estudados e destacando bibliografias de referência. Pedro Ivo Gricoli Iokoi pesquisou na grande imprensa e nos *sites* internacionais sobre os vários conflitos, preparando as referências cartográficas que foram elaboradas por Luís Fernando Martini. Contou-se ainda com a consultoria de Leila Hernandez, para os assuntos referentes à África, e com Osvaldo Coggiola, para o Leste Europeu, Ásia e Oriente Médio. Marilena Vizentin fez a revisão de todos os textos. Agradecemos ainda a leitura e sugestões de Betty Mindlin e de Fernando de Almeida.



Pisou com força na beira do trilho e jogou a mochila para dentro do vagão que passava em velocidade reduzida. Saltou para dentro e bateu com o ombro esquerdo no ferro da engrenagem da porta. A dor foi tão forte que chegou a desmaiar. Quando acordou, estava estirado num canto escuro do vagão, sentindo apenas a respiração de alguém a seu lado, mas nada enxergando.

– Quem está aí? – perguntou em voz baixa.

– Sou Jorge Hernández – respondeu o estranho.

– Onde estão meus amigos?

– Não sei, eles não entraram neste vagão – disse o rapaz que deveria ter menos de 20 anos. – Ouvi barulhos e correria quando você entrou. Seu grito atraiu minha atenção e não sei o que aconteceu lá fora.

Ernesto tentou se levantar.

– Vamos pular para a plataforma entre os vagões, é um espaço mais seguro se precisarmos fugir das autoridades que fiscalizam os trens – sugeriu o rapaz.

Ernesto sentia o ombro doer muito e seus movimentos estavam mais difíceis.

– Onde estamos? – perguntou ao jovem.

– Estamos seguindo para o norte do México.

De repente, perceberam que o trem diminuía o ritmo. Começaram a se preparar para a chegada das autoridades. Esconderam-se sob as engrenagens. Os homens da imigração passaram a vistoriar os vagões. O primeiro a ser encontrado foi o padre Morales. Em seguida, Carlos e Manuel. Ernesto teve medo de retornar sem nada para a mulher e os filhos que permaneceram em Ciudad Hidalgo. Escondeu-se tão bem que não foi visto. O trem retomou o movimento e Jorge pulou de volta para o vagão mais próximo.

– Venha logo – gritou Jorge.

Olharam para o lado e viram padre Tomás sair do mato e pular para junto deles. Foi uma alegria, pois pensaram que ele estivesse morto com os tiros disparados pelos mili-

cianos, durante o embarque. Ernesto tinha febre e o ombro doía cada vez mais. Do bolso da batina, o padre tirou um saquinho com remédios, faixas de gaze e um vidro com arnica e ervas para unguento.

Depois dos cuidados recebidos, Ernesto perguntou ao padre por que seguia com o grupo sem os papéis oficiais. Ele respondeu que estava percorrendo essa rota pois precisava documentar para a Anistia Internacional a trajetória dos peregrinos que deixavam o país em número tão elevado.

Jorge, que estava migrando pela segunda vez em busca de emprego, conhecia o caminho e os perigos da travessia. Enquanto todas as atenções estavam voltadas para o comboio de carga, Jorge tinha aproveitado uma parada – onde os traficantes descarregavam a pasta de cocaína – para banhar-se, obter água e comida para os três. O trem permanecia parado por duas horas, tempo suficiente para obter provisões. Seguia por entre os escombros de uma estação desativada. No caminho, avistou a torre de um comboio de combustível que, pelos trilhos de retorno, dirigia-se ao México e nela percebeu alguns migrantes bem visíveis que acenavam. Retornando ao vagão, perguntou ao padre o que significava aquilo. O missionário respondeu que algumas pessoas usavam esse meio pois acreditavam ser mais seguro. A polícia não atiraria numa torre de combustível por causa do perigo de explosão.

– Como poderemos passar o tempo nesta escuridão? – perguntou Ernesto ao padre. Estava sem febre e a dor diminuía muito.

– Podemos conversar, meu filho, podemos contar nossos sonhos ou nossas histórias.

Jorge resolveu iniciar a conversa falando um pouco de si, contando sua história aos companheiros de viagem. Nascera em Valparaíso, e seus avós eram camponeses que tinham lutado na Revolução Mexicana. Seu pai recebeu terras no período em que o presidente Lázaro Cárdenas promoveu a reforma agrária no país. Entretanto, ele era sem-terra. Pensava que a falta de uma política agrícola adequada e o tamanho das áreas concedidas tinham impedido que os filhos de Juan Carlos, seu pai, permanecessem nas terras.

Fez o curso primário em Ciudad Hidalgo, mas não conseguiu emprego. Seus primos seguiram para os Estados Unidos, e ele estava pela segunda vez percorrendo o caminho que os parentes fizeram no início dos anos 80. Aí, teria onde ficar e tentaria obter um visto para trabalhar legalmente. Se não conseguisse, continuaria migrando sempre.

Padre Tomás não era tão otimista como Jorge. Sabia das extremas dificuldades que viveriam até se instalarem nas casas dos parentes do rapaz. Ficou acertado que seguiriam juntos, pois seria mais seguro. Se fossem pegos, tentariam como desculpa afirmar que o padre estava levando consigo um sobrinho e um tio numa viagem missionária. Ou, em último caso, o padre informaria a Comissão de Direitos Humanos de sua diocese sobre as prisões.

Avistaram ao longe uma enorme grade de arame. Ernesto interrogou o padre com o olhar. Este informou que eram as cercas metálicas construídas pelo governo dos Estados Unidos, a fim de evitar a passagem dos migrantes que chegavam à fronteira. Estavam em Tijuana, o principal núcleo de entrada dos clandestinos hispânicos.

– A patrulha da fronteira – disse o padre – é hoje constituída por 2.200 vigilantes que percorrem as áreas de San Ysidro a Tijuana. Têm aparelhos portáteis para visão noturna em infravermelho, que lhes garantem o controle sobre uma área de seis quilômetros – concluiu o padre.

Jorge estava excitado.

– Deve ser muito bom roubar um desses equipamentos! – afirmou, entusiasmado.

– Está pretendendo roubar? – disse o padre.

– Não, senhor, mas, se por acaso pudermos tomar um emprestado, também poderemos nos proteger melhor, não acha? – Ernesto riu pela primeira vez desde que começara a viagem.

Jorge era do tipo bonito, mas não lhe faltavam esperteza e inteligência. Seus olhos negros e brilhantes eram expressivos e maliciosos e raramente ocultavam o propósito de suas ações. Os cabelos, levemente ondedos, davam-lhe por fim um ar de juventude invejável.

– Quanto sofrimento inútil se impõe a todos os pobres neste nosso mundo egoísta – disse o padre.

– O pior é que nosso próprio governo acaba estimulando essa situação – afirmou Ernesto. – Desde 1994, apóia a instalação de empresas nessa faixa de três quilômetros de fronteira. O governo financia ou reduz os impostos para que as indústrias tenham interesse em atuar nessa área. Além disso, os trabalhadores recebem salários mais baixos, uma vez que estão a um passo de serem desterritorializados – concluiu.

Todos ficaram em silêncio pensando em como atravessar pela cerca ao saírem do trem.

O rapaz comentou para si mesmo em voz alta:

– Se não encontrarmos um buraco na cerca, poderemos seguir para as montanhas rumo ao Arizona ou à Califórnia.

– Não, meu filho, o problema não é encontrar buracos, mas escapar dos detetores eletrônicos que atraem os patrulheiros. A violência da repressão é tanta que a fuga passa a ser questão de sobrevivência! – considerou o padre.

– Vejam, aí está a cerca! – prosseguiu.

O coração de Ernesto disparou com a carga de adrenalina produzida no corpo tenso! Aparentemente tudo estava calmo. Saltaram do trem em movimento e correram para uma área escura, ocupada por tambores e restos da casa de máquinas da estação mais próxima.

O padre havia enrolado a batina para ganhar mais movimento na corrida. Jorge resolveu fazer piada e, sorrindo, perguntou a Tomás se ele estava grávido. Ernesto pedia silên-

cio. Estava com tanto medo que, se fosse possível, nem respiraria. Os três estavam bem escondidos quando ouviram um corre-corre. Um homem fugia aceleradamente dos funcionários da imigração. A imagem fez com que ficassem petrificados.

De repente, um estampido...

O corpo do homem foi projetado na cerca, empurrado pelo impacto da bala que o atingiu pelas costas. Tomás fez o sinal da cruz e rezou por sua alma, sentindo profunda tristeza pela violência policial e admiração pela coragem do rapaz.

Quando passou o perigo, saíram em silêncio, em busca de uma passagem pela qual pudessem atravessar para o lado americano.

FOTO Tijuana, fronteira com os Estados Unidos, cidade onde se instalam os migrantes clandestinos capturados pelos patrulheiros americanos na divisa. México, 1997.

MAPA n. 1 Do México para os Estados Unidos, migrações na América Central.

LIVROS BETHEL, L. e ROXBOROUGH, I. (org.). *América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996 . DONGHI, T. H. *Hispanoamérica después de la independencia*. Buenos Aires: Paidós, 1972 . IOKOI, Zilda M. G. *Igreja e camponeses: A Teologia da Libertação e os movimentos sociais no campo – Brasil/Peru (1964-1988)*. São Paulo: Hucitec, 1996 . PAZ, Octavio. *Labirinto da solidão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982 . VERÍSSIMO, José. *Cultura, literatura e política na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FILMES *Imperialismo América* (1978, Otávio Bezerra) . *Nossa América* (1989, Silvio Rin).

MIGRANTES CLANDESTINOS

A maioria dos que migraram para a Cidade do México saiu das regiões mais pobres do país. O número de trabalhadores informais cresceu na última década e as ruas da cidade passaram a ser ocupadas por diferentes grupos humanos, cada qual tentando, em conjunto, ou de modo individual e isolado, constituir seu caminho de sobrevivência. Evidentemente, essa situação provoca o aumento da violência e vêem-se, nas portas das igrejas, sob os viadutos e mesmo nas praças, as crianças cuja infância lhes é negada, submetidas aos traficantes de diferentes lugares e cheirando cola, cocaína ou mesmo consumindo maconha ou craque.

De acordo com o Instituto para a Economia Internacional dos Estados Unidos, o êxodo de mexicanos para o país é o maior movimento migratório de um só grupo étnico ou nacional da história norte-americana, superior ao de irlandeses, italianos, judeus, japoneses ou os demais povos que para aí se dirigiram.

Desde 1995, o governo vem tentando minimizar esse afluxo, desenvolvendo as operações La Guardia e Rio Grande, em diferentes pontos da fronteira, cujos objetivos centrais são os de garantir maior apoio técnico aos vigilantes para evitar a passagem ilegal dos mexicanos. Aparelhos de TV com monitores capacitados para iluminação noturna com luz infravermelha, rádios de alta potência e equipamentos de identificação biométrica são usados continuamente, exigindo novos investimentos em fronteiras. Outra preocupação foi com o aumento do número de funcionários, que hoje atinge a cifra de 112 mil, 62% maior que em 1996.

Os migrantes, entretanto, procuram ultrapassar esses obstáculos, já que a esperança de viver na fartura, no conforto e na ostentação, divulgados amplamente pelas redes de televisão e pelos parentes e amigos, anima-os a correr os riscos. Os que penetram pelo Arizona ou Califórnia são ajudados pelos *polleros* ou *coyotes*, pessoas especializadas em atravessar a fronteira que chegam a cobrar 1.500 dólares de cada migrante. Um estudo feito pela Universidade de Huston mostra que entre 1993 e 1997 morreram na fronteira 1.183 pessoas. Entre elas havia um brasileiro, de São José dos Campos, que em março de 1997, aos 26 anos, afogou-se ao tentar atravessar o rio Laredo, no Texas (cf. dados da *Enciclopédia do mundo contemporâneo*. São Paulo: Publifolha; Rio de Janeiro: Terceiro Milênio, 1999).



Chegou à praia com frio e totalmente encharcada. Maria sabia que, se fosse vista daquela maneira, seria recolhida e deportada imediatamente. Por isso procurou se esconder entre as várias embarcações atracadas e os amontoados de redes, caixas e demais detritos deixados pelos navios. Soltou devagar as tranças para secar os cabelos. Usou os dedos finos como pente e, carinhosamente, massageou o pescoço e a frente para estimular a circulação sanguínea.

Respirou fundo. Olhou em volta para assegurar-se de que não era observada e tirou o *xador* para estendê-lo ao sol que começara a aparecer na praia de rochas escuras e pouca areia, recoberta por algas e vegetação trazidas pela tempestade.

Estava ocupada planejando os próximos passos, quando percebeu a presença de um grupo de homens que, com ela, foram transportados pelo barco de Said na noite anterior. Eram ao todo oito marroquinos tentando chegar à Europa pela porta espanhola de Gibraltar. Num primeiro impulso pensou em aproximar-se e seguir o caminho traçado por eles.

Lembrou-se, entretanto, das palavras de Nasser, o jovem que a ajudara a embarcar: “uma jovem sozinha terá mais chance de escapar se não for vista pelos funcionários da imigração”.

Verificou, então, se o dinheiro com o qual partira ainda estava consigo e suspirou aliviada ao encontrá-lo. Permaneceu onde estava e em silêncio. Os conterrâneos separaram-se e seguiram caminhos diferentes. Dois deles estavam fingindo-se de carregadores de um navio, quando foram abordados pelos policiais. Não possuíam nenhum documento ou prova de estarem radicados no lugar. A situação ficou irreversível quando o encarregado do navio afirmou que não conhecia nenhum deles. Foram levados para Los Capuchinos, uma prisão recém-construída em Málaga, com capacidade para sessenta e dois homens e doze mulheres, imigrantes que deveriam aguardar o processo de deportação. No entorno da prisão formara-se uma pequena vila de pescadores, que abasteciam tanto as forças policiais como os refugiados que viviam em Melilla.

Maria resolveu sair do esconderijo quando o sol já se punha. Estava cansada, com sede e fome. Sorrateiramente, caminhou pela orla e percebeu o povoado mais à frente. Adentrou uma rua estreita em busca de comida. Parou numa pequena estalagem. Ofereceu dinheiro em troca de banho, roupa e refeição. A mulher perguntou se iria dormir. Estava prestes a aceitar quando lhe veio à mente as palavras de Said recomendando que não se registrasse em nenhum alojamento. Preferiu recusar e, depois de recuperada pela alimentação, pelo banho e pelas novas roupas obtidas, seguiu em frente.

– Como poderei viver desconfiando de tudo e de todos? – perguntou-se em voz alta. – Preciso superar esse temor e procurar viver em harmonia com as pessoas – prosseguiu, conversando sozinha.

– É fácil – retrucou uma voz a seu lado.

Assustou-se e olhou com receio. Era uma jovem marroquina de aproximadamente 15 anos. Convidou Maria a seguir com ela. Chegaram a uma pequena vila de pescadores. As casas eram muito antigas, em estilo mourisco, do tempo em que os árabes ocuparam a península Ibérica pelo estreito de Gibraltar.

– Há quanto tempo vocês vivem aqui? – perguntou para a menina.

– Não sei. Quando cheguei, pelo mesmo caminho que você, ainda era pequenina e nossa comunidade já estava estabelecida nesta vila. Pescamos, produzimos redes e, especialmente, protegemos os migrantes do Marrocos que vêm em busca de uma vida melhor.

– As autoridades não os reprimem por esse trabalho? Como conseguem sobreviver aqui, numa vila tão pobre?

– Você está enganada, temos uma vida simples, mas muito bem estabelecida. Podemos frequentar a escola, nossas crianças têm bom atendimento médico e alguns de nós frequentam a universidade. Apenas não vivemos em grandes cidades, mas temos tudo o que queremos e precisamos. Somos protegidos pelas associações de direitos humanos que existem na Espanha, ligadas ao Unicef.

Maria ficou pensativa. Aquela menina tinha uma segurança invejável e parecia feliz. Era isso o que buscava desde que perdera as pessoas queridas, parentes, amigos, o sentido de pertencer a uma comunidade foi ficando cada vez mais importante para ela.

Talvez devesse mesmo permanecer na vila e reaprender com aqueles conterrâneos simples um novo sentido de solidariedade. Sem dúvida – ponderou consigo mesma –, seria uma boa experiência que não se distanciava tanto do sonho anterior de viver na Europa.

Depois de alguns dias, Maria resolveu visitar a Granja Agrícola próxima ao aeroporto de Melilla, transformada em campo de refugiados. Gostaria de conhecer as múltiplas histórias de africanos como ela mesma, em busca de um novo lugar para viver. Pretendia ainda descobrir os motivos que levavam todos eles a escolher a Espanha como destino. De certo modo, procurava refletir sobre o próprio caminho e conhecer outros africanos que viviam de modo mais precário ainda. Percorreu as ruas de Melilla com um pouco

mais de segurança. Sentia-se como uma criança pequena que se separara da mãe e caminhava sozinha pelas ruas. Olhava tudo com atenção redobrada. Quando chegou à Granja, ficou impressionada com a pobreza dos moradores.

Trombou, sem querer, com uma menina sentada no chão de terra batida brincando com uma criança no colo. Ambas estavam sorridentes num mar de pessoas desesperançadas. Perguntou à menina de onde viera. Respondeu que era do Zaire, sua amiga era de Ruanda, outro rapaz chegara da Nigéria, e que também conhecia gente do Gabão, da Guiné-Bissau, da Zâmbia, da Gâmbia e do Senegal.

– Como chegaram aqui? – perguntou, olhando para o infinito.

– Por terra, de ônibus, caminhões ou mesmo em caminhonetes.

– Mas o Senegal é tão longe! E o deserto do Saara? Como sobreviveram a tantas dificuldades?

– Em alguns casos, muitos caminham a pé mais de 200 quilômetros. Essas caminhadas podem ser mais longas ainda, se, em vez de Melilla, as pessoas seguirem para Ceuta. Saiba onde é?

– Sei que é longe, fica em frente ao grande rochedo de Gibraltar, não?

– Não sei. Que nome esquisito...

Maria admirou o olhar brilhante da criança e percebeu que em meio a tanto sofrimento ainda havia alegria. Admirou muito esses seres humanos sem-teto. A granja desativada era agora um novo acampamento, onde as pessoas distribuíam-se pelos galpões ou mesmo montavam moradias nos automóveis acidentados, como se fosse um grande ferro-velho.

Enquanto observava o acampamento, pensou na necessidade de divulgar as condições de vida daqueles moradores e sensibilizar as pessoas sobre aquele drama humano.

A menina desenhava no chão de terra batida um camelo e um oásis. Maria perguntou onde era aquele lugar.

– É onde vou morar, quando puder sair daqui. Minha casa será bem grande, com muita sombra, água para banho e para lavar tudo bem limpinho. Terá esteiras de dormir, grandes almofadas e um lugar com bancos para comer. Vou brincar com bonecas de pano como a que ganhei de minha mãe, quando nasci. Perdi minha boneca no caminho e fiquei muito sozinha, sem ninguém com quem conversar. Aí, apareceu o Tonho – disse sorrindo e apertando o menino que estava em seu colo.

– Onde está a mãe dele? – inquiriu Maria.

– Saiu para arranjar comida. Lá perto do mar alguns pescadores deixam as partes dos peixes que não são vendidas. As cabeças e os espinhos. Servem para fazer sopa com mais algumas verduras e farinhas. Fica muito gostosa. Todas as crianças comem primeiro. Depois os mais velhos.

– O que estão esperando aqui? – perguntou, preocupada.

- Não sei, dizem que são os papéis. Mas o estranho é que ninguém sai daqui para procurar. Acho que eles não existem.
 - É claro que existem. O problema é que dependem dos funcionários da imigração, não dos moradores dos acampamentos. Vi outro dia um homem tirando foto desses lugares. Eles devem publicar nos jornais e as pessoas ficam sabendo. Logo outras pessoas e crianças do mundo vão defender os moradores daqui.
 - Por quê?
 - O sofrimento de homens, mulheres e crianças sempre desperta nosso próprio sofrimento. Nós temos vergonha de conviver com a dor humana, mais do que com a dor pessoal. Não se pode ser feliz enquanto povos inteiros viverem desse modo sofrido.
 - Você acredita nisso?
 - Acredito. Por isso devemos falar, filmar e divulgar essa situação, para que se formem grupos de solidariedade que nos apoiem.
 - Você também é refugiada? – perguntou a menina.
 - Sou, só que cheguei a Melilla por barco e trouxe comigo algum dinheiro que tem permitido que eu sobreviva e possa ainda ajudar gente como você.
- Ambas olharam para o céu para disfarçar as lágrimas que teimosamente insistiam em cair.

FOTO Um bote ou patera transporta marroquinos. Estreito de Gibraltar, 1997.

MAPA n. 2 Da África à Europa: africanos na travessia de Gibraltar.

LIVROS FERKISS, Victor C. *África. Um continente à procura de seu destino*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1967 . KILLINGRAY, David e RATHBONE, Richard. *Africa and the Second World War*. Londres: Macmillan, 1997 . LYNN, Martin. *Commerce and economic change in West Africa. The palm oil trade in the nineteenth century*. Cambridge University Press, 1997 . READER, John. *Africa – A biography of the continent*. Nova York: Vintage Books, 1998 . THORTON, John. *Africa and Africans in the making of the Atlantic*. Cambridge University Press, 1998.

FILME *Casablanca* (1943, Michael Kurtz).

MELILLA

Localizada numa pequena península mediterrânea do Marrocos e composta por dois grupos de ilhas adjacentes, Melilla foi uma fortaleza cercada por muralhas, fundada pelos fenícios e conquistada sucessivamente pelos romanos, godos e árabes. Foi ocupada pela Espanha em 1495.

Disputada pelos rifenhos (grupo berbere), que ao longo do tempo lutaram contra o domínio espanhol e francês sobre a região, Melilla é um porto importante e base militar de defesa do território. A partir de 1987, foi reivindicada pelo rei Juan Carlos I de Espanha, que propôs um governo conjunto entre seu país e o Marrocos sobre a região. A proposta do rei da Espanha provocou tensões entre a Arábia Saudita, a Tunísia, o Marrocos e a Argélia, de um lado, contra os interesses da Espanha, de outro.

Melilla acabou sendo responsável por uma aproximação marroquino-argelina, que permitiu a construção de um gasoduto através do estreito de Gibraltar por uma empresa binacional com sede em Rabat. Esse grande empreendimento, entretanto, não resolveu o problema do crescimento do número de desempregados do Marrocos, cuja migração para as cidades aumentou nos últimos cinco anos, provocando crises de saneamento, abastecimento e moradia. Desse modo, Melilla e Tarifa passaram a ser centros de imigração ilegal rumo ao sul da Espanha, com tentativas de fugas e risco de morte por afogamento.

A crise econômica do Marrocos gerou uma renegociação da dívida externa, ao mesmo tempo que o Conselho Internacional das Nações Unidas para o Controle de Narcóticos denunciava a utilização de seu território para o cultivo de ópio e coca.

Os problemas políticos internos têm sido denunciados pela Associação Marroquina de Direitos Humanos, que aponta o crescimento da tortura e da prisão política dos opositores do regime. Em 1992, Hassan II destituiu o primeiro-ministro Azedini Laraki e convocou um referendo para aprovação de uma nova Constituição, dando mais poderes ao Parlamento. A oposição cresceu, vencendo as primeiras eleições parlamentares em 1993 e, em 1994, o rei indicou para primeiro-ministro, Abd Al Latif Filali, passando a defender uma integração cultural a partir do uso do idioma berbere na vida nacional.

Os objetivos dessas reformas políticas visavam recuperar o sentimento nacional, refazer a imagem do Marrocos no contexto europeu e fiscalizar a imigração clandestina para a Espanha. As reformas sociais – irrigação, desenvolvimento da cultura nacional e privatização das empresas estatais – envolveram em debates as oposições de esquerda no Parlamento, culminando com a formação de uma coalizão política que incluiu a União Socialista de Forças Populares, o Partido da Independência contra a União Constitucional e a União Nacional de Independentes, representantes das forças de direita. Em 1998, a União Socialista de Forças Populares obteve o cargo de primeiro-ministro. Em 1999, Hassan II morreu de pneumonia, sendo substituído por seu filho Sid Mohamed.



Chaolin estava procurando relembrar o tempo em que vivera num país sem guerras. Não conseguia. As lembranças mais distantes estavam ligadas às mensagens de medo e violência transmitidas tanto por seus familiares, como pelas notícias de jornal, rádio e televisão.

Era uma mulher frágil, de olhos grandes e redondos e cabelos lisos, sedosos e fartos. Desde pequena usara longas tranças feitas com vigor e capricho pelas mãos fortes de sua mãe, uma mulher que chefiara os negócios de uma família de produtores de arroz.

Para ela, a guerra fazia parte do cotidiano. Justificava-se pela presença das forças comunistas que dividira o país em dois, especialmente depois dos anos 50, quando o confronto entre capitalismo e socialismo se acirrara estimulado pelo fetiche que o contato com produtos e tecnologias mais avançados do Ocidente provocara no imaginário daquela população. Ela não se esquecia do rádio e da televisão, quando a mãe os comprou de um importador americano.

Já haviam decorrido mais de trinta anos e a cena ainda era nítida em sua memória. Parecera-lhe, naquele momento, que o conforto e a segurança seriam eternos. Mas, agora que se preparava para partir, percebia como tudo era efêmero. Nada mais restara da fortuna obtida pela família. Entretanto, já havia muitos de seus compatriotas espalhados pelo mundo. Vários seguiram para o Japão, mas a grande maioria estava em Hong Kong. Existiam ainda grupos em Macau, Cingapura e em outras tantas regiões da Ásia.

Phi Lu chegou correndo para avisar que o dono do bote que as levaria para Vung Tau estava esperando na entrada da casa.

- Nunca pensei em ser refugiada – disse Chaolin. – Nossa casa tão bonita ficará abandonada e não vamos mais retornar a esse lugar sagrado.
- O que importa é ser livre e sobreviver – disse Phi Lu. – Depois, pode ser uma rica experiência conhecer outros lugares e pessoas. Você tem certeza de que os comunistas são mesmo violentos?

– Não sei, mas, para terem vencido os americanos, devem ser bem ferozes. Em todo o caso, nós os odiamos por tantos anos que não poderemos viver sob seu poder.

– Esse é o problema. O poder afasta as pessoas, quebra a solidariedade e impede que as diferenças sejam respeitadas e nos enriqueçam.

Pensou que a prima era muito sábia, pois sempre colocava uma questão importante para ser refletida. De fato, como poderiam seguir para um lugar desconhecido e se sentirem mais seguras do que com seus parentes?

– Chaolin, você já ouviu falar da ilha de Galang?

– Não, do que se trata?

– Ela foi procurada como refúgio pelos vietnamitas que aí aportaram depois da Segunda Guerra. Mas, quando desembarcaram, os barcos foram destruídos e eles ficaram encarcerados nesse lugar.

– A quem pertencia a ilha?

– Primeiro a Cingapura. Depois passou para o domínio inglês. Com o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, foi dominada pelos japoneses e transformada em campo de prisioneiros. No fim da guerra, virou prisão para os japoneses derrotados.

– Mas, e hoje?

– Ela é uma prisão para nossos refugiados. Isso só passou a acontecer em 1970. Hoje, a maioria dos prisioneiros são vietnamitas. São mais de 5 mil pessoas – explicou Phi Lu, que não conseguia entender as razões das migrações.

Cada um deixando seu lugar, buscando novas experiências e fortunas, fugindo, sendo expulsos. Um sentimento permanente de perseguição, de perda, de ausência. Pensava que o mundo deveria ser usado pelas pessoas para a sobrevivência, para o prazer e felicidade. Que os contatos entre os povos e as pessoas de diferentes lugares deveriam ser por afeto, conhecimento e trocas de experiências. De fato, ela queria que no futuro as pessoas fossem assim. Um novo mundo deveria ser construído, menos voltado para os poderes e fortunas individuais e mais para a felicidade de todos. Mas, de certo modo, sabia também que muitos dos refugiados saíam em busca de um mundo melhor.

Chaolin também estava aprendendo um novo modo de ser e ficava imaginando como seria um mundo sem fronteiras.

– Cada uma de nós terá de pagar alguns dólares para embarcar. Será que poderemos levar uma pequena bagagem? Gostaria de levar os livros sagrados de nossa família, roupas e um pouco de comida. E você? – perguntou Chaolin à prima.

– Não sei, estou sentindo um grande aperto no coração. Não gostaria de ir. Vamos ficar?

– Não podemos. Faça um esforço e separe seus pertences. Vamos encontrar nossos primos, pais e amigos.

– Podemos ser livres aqui mesmo – disse Phi Lu. – Basta que tenhamos nosso pensamento

livre. Não vou sair em busca do desconhecido. Prefiro ajudar os que aqui ficaram. Vamos, Chaolin? Fique também!

A pequena mulher saiu com lágrimas nos olhos, sentindo-se ainda mais sozinha com a ausência da prima. Deveria seguir em busca de um ideal de liberdade e fugir daqueles que representaram os inimigos de sua família por longos anos.

FOTO Palavras traçadas na areia por uma vietnamita na praia Vung Tau, Vietnã, 1995.

MAPA n. 3 Migrações vietnamitas e megacidades no Extremo Oriente.

LIVROS BIANCO, Lucien. *Asia contemporânea (Historia universal)*. México: Siglo XXI, 1985, v. 33 . HONEY, P. J. *O comunismo no Vietnã do Norte: seu papel na disputa sino-soviética*. Rio de Janeiro: GDR, 1965 . LACOUTURE, Juan. *Ho Chi Minh: sua vida, sua revolução*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979 . OLIC, Nelson Bacic. *A guerra do Vietnã*. São Paulo: Moderna, 1988 . TUCHMAN, B. W. *Marcha da insensatez: de Tróia ao Vietnã*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

FILMES *Corações e mentes* (1974, Peter Davis) . *Apocalypse now* (1979, Francis F. Coppola).

VIETNÃ

Durante a Segunda Guerra, o Japão, membro do Eixo, ocupou o território vietnamita, ameaçando o domínio francês. Essa disputa entre as potências beligerantes permitiu que fosse organizado um movimento de oposição – Liga para a Independência ou Viet Minh – contra o jugo colonial francês. Quando os japoneses capitularam, o Viet Minh já possuía um exército poderoso, com amplo respaldo popular. Em 18 de agosto de 1945, a força revolucionária tomou o poder em Hanói, proclamando a independência e instaurando o regime republicano. O imperador Bao Dai abdicou e tornou-se conselheiro do novo regime. Os franceses transformaram a Cochinchina numa república independente e acabaram unindo-a ao Norte do país como Estado Associado do Vietnã, nomeando Bao Dai como chefe de Estado. O país continuaria submisso à França. O Viet Minh não se rendeu, iniciando uma guerra de guerrilhas cada vez mais eficiente. Em 1954, os guerrilheiros tiveram uma ampla vitória quando tomaram Diem Bien Phu. Com o acordo de Genebra, os franceses tiveram de se retirar e as eleições finalizaram o período de lutas internas. Mas os Estados Unidos, que prestavam ajuda à França, instalaram no Sul o regime de Ngo Dinh Diem, violando o Acordo de Genebra de 1956.

Em 1960, uma frente composta por democratas, nacionalistas, socialistas e o grupo de Ho Chi Minh, criou a Frente de Libertação Nacional ou Vietcong, dando início à Segun-

da Resistência contra os sucessivos governos militares de Saigon e contra as tropas americanas (580 mil efetivos em 1969). Foram quinze anos de guerra, com enorme quantidade de bombas lançadas sobre o pequeno país, ultrapassando o montante da Segunda Guerra. Foram feitas experiências com armas químicas e bacteriológicas. Os EUA gastaram, nessa guerra, 150 bilhões de dólares e destruíram 70% dos povoados do Norte e 10 milhões de hectares de terras.

Em 30 de abril de 1975, no entanto, Saigon foi recuperada pelas forças do Vietcong e, em 1976, o território foi reunificado com a instalação da República Socialista do Vietnã. Mas a paz ainda não estaria garantida. Em 1979, a República entrou em guerra contra o Camboja, que reclamava por terras no Vietnã. No mesmo ano foi invadido pela China. Em 1980, novos choques na fronteira com a China mostraram a superioridade militar do Vietnã. Em 1985, o governo libertou os presos políticos e tentou aproximação com a Associação de Nações do Sudeste Asiático e com os Estados Unidos, permitindo o exílio de vietnamitas leais ao governo anterior.

Uma pequena prisioneira em Galang



A viagem foi longa e arriscada. Depois de uma noite encolhida num canto escuro do barco para não ser observada, Chaolin acordou dolorida, meio amassada. O barco foi confundido com um pesqueiro e imediatamente as autoridades locais encaminharam seus ocupantes para Galang. Chaolin sabia que estaria seguindo para uma prisão. Pensou em Phi Lu e considerou que a prima tinha razão. Como tivera coragem de fugir de seu país para se tornar prisioneira numa ilha japonesa? Relembrou dois dos motivos: o primeiro era a fuga dos comunistas que, depois de longos anos de guerra – primeiro contra o domínio francês, depois contra o domínio americano –, reunificariam o país; o segundo era a necessidade de reencontrar seus parentes que já haviam se refugiado há alguns anos.

Desde 1975 vivera em um país dilacerado. Os comunistas chegaram a Saigon e um grande contingente de vietnamitas saiu do país como refugiado político.

Chaolin sentia-se como uma refugiada tardia. Sabia das leis sobre os refugiados, especialmente aquelas que definiam o estatuto jurídico dos perseguidos, mas não era esse seu caso. Fugia dos comunistas, embora não os conhecesse. Não lutara contra eles. Temia o que pudesse acontecer com a chegada deles, mas não vivera pessoalmente nenhum confronto.

Será que sua prima Phi Lu tinha razão? Teria sido melhor ter ficado e aprendido a conviver com os patrícios comunistas? Agora era tarde. Estava sendo encaminhada para a ilha prisão, onde esperava encontrar seus parentes.

O desembarque foi desolador. Tudo era muito pobre e a presença das forças policiais já indicava que o clima de guerra seria constante. Procurou informações sobre o lugar.

– Conhece alguém da família Ku Wu? – perguntou a um funcionário da imigração.

– Não ouvi falar nesse nome – respondeu, encantado com a beleza da moça. – Você chegou naquele barco? – perguntou apontando em direção ao mar.

– Sim – disse Chaolin, distraída.

– Onde vai se alojar?

– Não sei, nada sei daqui, mas meus parentes estão nesta ilha há alguns anos. Preciso localizar meus pais e tio, estou esgotada pela viagem e com medo – respondeu.

– Esta ilha é muito grande, os inimigos dos vietnamitas não apóiam mais os capitalistas do Sul e pretendem convencê-los a aderir ao novo governo. Muitos dos refugiados foram para o outro lado da ilha, em busca de isolamento e proteção. Pode ser que entre eles estejam seus parentes.

– Há algum tipo de serviço que se possa fazer para sobreviver? Quero ir para o outro lado. Conhece alguma coisa por lá?

– Calma – disse o rapaz. – Sei que precisam de uma professora, pois a maioria dos refugiados é constituída de crianças que precisam estudar. Se não conseguir aqui, posso ajudá-la a seguir para Hong Kong, onde os refugiados de origem chinesa são também majoritariamente jovens sem escolaridade. Aí, entretanto, eles vivem em prisões de concreto, cercadas por grades, sem jardins, sem o prazer da natureza e da liberdade.

– Estou muito aflita – disse Chaolin. – Seria possível retornar a meu país, depois dessa fuga ilegal? – perguntou.

– Penso que isso não será muito fácil – respondeu o rapaz. – Mas há um programa chamado Partida Voluntária que pode ser usado para seu retorno. As famílias têm mandado mulheres e crianças para ver quais as condições do retorno.

– Por que esculpiram a estátua da liberdade aqui, se isto é uma prisão? – perguntou a moça, olhando em direção à entrada do campo.

– Penso que simboliza o desejo de ir para os Estados Unidos e viver numa sociedade que exhibe na televisão um mundo de consumo livre, de prosperidade e de liberdade – respondeu. – Mas, diga-me, por que você não entrou no Programa de Partida Ordenada criado no Vietnã? – perguntou o rapaz.

– Não sabia da existência desse programa – respondeu Chaolin.

– É o que se faz em Ho Chi Minh, aquele que precisa de vistoria sanitária controlada por exames médicos – afirmou o rapaz.

– Como as pessoas sobrevivem nos países para onde se dirigem? – perguntou a moça.

– Os migrantes oficiais, encaminhados pelos funcionários da imigração e que fizeram exame médico e prestaram juramento, ou seguem para a casa de parentes que possam cuidar de sua sobrevivência, ou ficam nas hospedarias de imigrantes até conseguirem um posto de trabalho. Os clandestinos como você são entregues à própria sorte e, se forem pegos, certamente serão repatriados.

A moça estremeceu. O rapaz, no entanto, parecia muito seguro e convidou-a a passar a noite em sua casa. Na manhã seguinte, poderia iniciar a busca de seus familiares do outro lado da ilha. Era a primeira vez que Chaolin estaria em casa de um homem estranho.

Não sentiu medo. A solidariedade e a confiança aproximaram esses dois seres numa amizade que duraria muitos anos...

FOTO Estátua da Liberdade esculpida por um refugiado vietnamita, ilha de Galang, Indonésia, 1995.

MAPA n. 3 Migrações vietnamitas e megacidades do Extremo Oriente.

LIVROS KAHN, G. *Nationalism and revolution in Indonesia*. Ithaca, 1952 . NHAT HOANH, Thich. *Vietnã: flor de lótus em mar de fogo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968 . OLIVEIRA, Amauri Porto de. *O Sudeste Asiático no pós-Cambodja: inserção do Vietnã*. Brasília: Funag, 1994 . OSGOOD, Robert E. *Estados Unidos e o mundo: da doutrina Truman ao Vietnã*. São Paulo: Ibasa, 1972 . TANAKA, Beatrice. *A montanha das três perguntas: um conto do Vietnã*. Rio de Janeiro: Antares, 1986.

FILMES *Platoon* (1986, Oliver Stone) . *Os gritos do silêncio* (1984, Rolan Joffé).

INDONÉSIA

Em 1945, o líder nacionalista Ahmed Sukarno propôs governar por cinco princípios básicos: nacionalismo, humanitarismo, democracia, justiça social e crença em Deus. Entretanto, enquanto os partidários do Estado islâmico mantinham-se em conflito armado no oeste de Java e no sul das ilhas Célebes, jovens coronéis ambiciosos associados a políticos de direita iniciaram, em 1956, uma oposição ao governo, gerando uma crise política no país. Mediante uma série de golpes, os coronéis estabeleceram conselhos regionais autônomos em Sumatra, em Kalimantan e um governo rebelde em Padang. Os rebeldes, apoiados por Taiwan e pelos Estados Unidos, não tinham apoio popular e foram reprimidos por Sukarno.

Em 1954, o arquipélago recuperou a plena soberania, mas a Holanda ainda reivindicava poderes no território. Em 1963, como Haia se recusara a reconhecer os direitos da Indonésia, Sukarno passou a ocupar o Irian Ocidental (parte holandesa da Nova Guiné) e liderou a formação do bloco do Terceiro Mundo, na reunião de Bandung (Indonésia).

Apoiado pelo Partido Comunista, que registrava, em 1960, três milhões de filiados, Sukarno empreendeu um amplo processo de reformas sociais, objetivando elevar a renda *per capita* do país. Nacionalizou o petróleo, fundando a Pertamina. Enfermo, permaneceu no poder até 1967, quando sofreu um golpe de Suharto, apoiado pelos Estados Unidos. Militantes e simpatizantes comunistas foram massacrados.

Em 1971, o movimento estudantil manifestou-se, denunciando a corrupção e a entrega do país às máfias de contrabandistas chineses. Tentando escamotear a crise interna, Suharto iniciou uma campanha nacionalista e invadiu o Timor Oriental, que acabava de

proclamar sua independência de Portugal. Em 1977, mesmo tendo proscrito a esquerda, as forças de Jacarta manifestaram seu descontentamento em relação ao poder de Suharto, que entretanto gozava de pleno apoio interno, sendo eleito para seis mandatos consecutivos.

Em 1998, depois de longo período de crise, desemprego e carestia, Suharto renunciou, sendo substituído por Becharuddin Jusuf Habibie. Em 1999, realizaram-se, após quarenta anos, as primeiras eleições democráticas na Indonésia.



Depois de um dia exaustivo de viagem, Francine desembarcou em Cabul. Tudo estava destruído. Os escombros ocupavam toda a avenida central, a Jade Maiwan, conhecida por seus edifícios de arquitetura bizantina cor de palha, cujo encanto e luminosidade especiais davam a Cabul um destaque junto às cidades consideradas monumentos arquitetônicos no Oriente.

Agora, a poeira dos edifícios bombardeados, os entulhos eram para a jovem francesa um espetáculo desolador. A guerra civil tomara conta do Afeganistão e, de fato, todos estavam sob o controle de um grupo religioso muçulmano, o Taliban, que em persa significa “estudante”.

A jovem procurou os aliados da resistência nos subúrbios da cidade, num campo de Shamak, onde vive uma parte dos refugiados.

– Gostaria de apresentar minhas credenciais da *Ação Contra a Fome* – disse Francine ao se apresentar ao comando do campo. Estou chegando de Paris e o carregamento de alimentos foi cortesia da Air France.

– Recebemos informações de sua Embaixada – disse o comandante, um homem muito alto, de olhos violeta, cabelos castanhos dourados e o rosto com bochechas gordas, queimadas pelo frio.

A moça tinha um rosto expressivo, cabelos pretos e curtos, vestia calças de brim azul desbotado, camisa branca e um casaco preto, curto. Carregava uma grande bolsa de couro pendurada no ombro esquerdo e tinha nas mãos uma pasta amarela com papéis e um computador portátil.

– Temos muitas crianças neste lugar que precisam de alimentos, remédios, roupas e carinho. Vários perderam os pais. Você é bem-vinda.

– Posso percorrer o campo? Gostaria de dar uma olhada nos arredores e depois seguir para o alojamento. Há alguém que possa me acompanhar?

– Vou pedir a Shamir que vá com você. Ele aprendeu francês com a secretária da Embaixada e é muito gentil.

– Gostaria de alguma coisa para beber. Vocês conseguem ainda receber água potável?

– Temos um reservatório pequeno. As mulheres recolhem mais água no chafariz da vila abandonada e depois a fervem no fogão a lenha.

Quando chegaram a uma barraca de lona no centro do campo, Francine percebeu que aí estavam depositadas as mercadorias que vinham dos comitês de apoio internacional.

– Shamir, esta é Francine. Veio da *Ação Contra a Fome*. Pode acompanhá-la nas redondezas? Mostre a ela as crianças. Elas ficarão felizes com sua presença.

Os dois cumprimentaram-se e saíram caminhando pelo campo. Depois de observar com cuidado as casas em ruínas, rumaram para o alojamento das crianças. A moça entrou no abrigo, uma velha fábrica adaptada para as novas funções de escola, alojamento e trabalho, e encontrou muitas crianças de diferentes idades reunidas num salão. Algumas escreviam, outras consertavam móveis, jovens cuidavam dos pequenos, tocavam e cantavam em voz baixa.

A presença dos dois provocou um silêncio repentino, seguido de um alvoroço. As crianças conheciam Francine através de um documentário apresentado no campo, referente ao trabalho de organizações não-governamentais de apoio aos refugiados do mundo; crianças mutiladas por minas em Angola. Seu destaque nesse audiovisual se deu pelo trabalho de apoio realizado em todo o território, ao lado de um engenheiro que desativava as minas, e por levar alimentos aos feridos.

– Jamila, venha receber a senhorita Francine, que veio nos ajudar!

– Claro! Uma salva de palmas para essa corajosa mulher – conclamou a moça.

Os que podiam ficaram de pé e aplaudiram muito. Francine ficou com os olhos marejados e sorriu, dizendo que gostaria de aprender a falar a língua local. Olhou a sua volta e viu muitos jovens mutilados. Sem braços, pernas ou impossibilitados de ver e andar.

Shamir convidou-a para conhecer o centro ortopédico onde se fabricavam muitas próteses para substituir os membros decepados nas explosões. Havia no campo voluntários da Cruz Vermelha, como a equipe de Alberto Cairo que, desde 1988, atuava no Afeganistão.

– Nossa fábrica de próteses é a maior do mundo, mas isso não nos orgulha – disse Alberto à jovem. – A violência e a guerra são as responsáveis por esse desenvolvimento industrial. Isso nos envergonha. Temos ainda um centro em Mazar el Sharif, um em Herat e outro em Jalalabad – afirmou o homem que apontava para projetos de pernas, mãos, braços ou pés mecânicos.

– Essa tragédia tem ocorrido especialmente pela ação dos tanques comandados por Masoud e seus adeptos do grupo Taliban. Eles atacam os grupos rivais e estão em guerra há mais de dez anos – prosseguiu Alberto.

Francine sabia bem o que estava acontecendo e, preocupada, questionou...

– Quando será proposta uma reconciliação nacional? É preciso salvar o país e seus habitantes. Temo esse processo que vai corroendo as relações entre os homens e tornando a violência parte de um cotidiano assimilado por todos. As crianças filhas da guerra não conseguem valorizar a paz. Isso põe em risco toda a humanidade – concluiu com tristeza.

– Muitas pessoas estão convencidas da necessidade da paz e da preservação do planeta. Você é uma delas.

– Vamos fazer crescer esse sentimento – disse, segurando no braço do rapaz e caminhando em direção ao pátio.

Shamir sentiu-se mais forte e orgulhoso por pertencer ao grupo dos que salvariam o homem e o planeta. Seguiu imbuído da idéia de criar nos jovens sob seus cuidados um sentimento da importância dessa causa.

Caminharam durante duas horas, observando as formas de sobrevivência que as pessoas criavam em condições tão adversas.

– Há muitas mulheres neste campo, pois os maridos morreram na guerra – afirmou Shamir, acompanhando o olhar curioso da francesa.

– A guerra continua fazendo viúvas, não é?

Shamir não precisou responder. As rajadas de metralhadoras e o estrondo dos bombardeios ao longe mostraram que os confrontos entre a resistência e o Taliban prosseguiram.

– Estamos divididos em três grupos étnicos. Este campo abriga o povo hazara, o mais pobre do Afeganistão. Os outros grupos são os tadjiques e os pachtos. Estão aqui quatrocentos grupos familiares. As viúvas já somam seiscentas. Mas todos os dias novos refugiados chegam em busca de abrigo e proteção.

– Há campos para os outros grupos étnicos? – inquiriu Francine.

– O campo Sakhi, ao norte, reúne os habitantes do Tadjiquistão. Ele fica junto à estrada que liga Mazar el Sharif a Cabul.

– E todas essas províncias pertenciam à União Soviética?

Shamir assentiu. Com o fim do bloco socialista, os grupos políticos e religiosos acirram as disputas pelo poder hegemônico sobre os demais.

– O pior é que, numa situação de guerra, formam-se muitas máfias, que controlam o contrabando e lucram com a venda de armas e explosivos, enquanto o povo vive sem qualquer proteção legal, moral ou mesmo governamental.

– Mas havia esperança de maior liberdade e de democracia fora do controle dos soviéticos, não?

– Havia, mas as disputas corroeram as possibilidades de acordos políticos. A unidade existia somente contra o poder da Rússia. Depois, antigos aliados passaram a se degladiar. Há muitos preconceitos, xenofobia e localismos. Os ódios são muito antigos. Eles ficaram muito tempo adormecidos...

- Mas – ponderou Francine – o socialismo não eliminou, ao longo de todos esses anos, o individualismo?
 - Não. As diferenças sociais continuaram muito fortes e a escassez também foi muito grande durante o período de crise.
 - Há, no entanto, uma enorme solidariedade entre as pessoas do campo de refugiados – afirmou a moça. – É só uma primeira impressão, evidentemente, mas ela salta aos olhos...
 - Essa pode ser uma lição importante para as gerações futuras – disse Shamir. – As crianças são nossa esperança de sobrevivência. Quando mostramos o vídeo sobre crianças africanas ou mesmo latino-americanas, percebemos uma forte identificação com os problemas vividos. Penso que as crianças que vivem em lugares sem guerras precisam ver essas imagens para desenvolverem um sentimento de oposição à guerra. Ela não é alternativa para a liberdade.
 - Precisamos investir nesse caminho – concordou Francine. – As imagens do sofrimento e da dignidade podem ser um elo fundamental nesse reencontro do homem.
 - Você pode levar nossas histórias para outros grupos e tentar uma corrente de solidariedade que não nos separe por religião ou país.
- Ela sorriu e balançou positivamente a cabeça. Sentiu que a corrente já estava sendo formada.

FOTO Vítima da guerra no Afeganistão em meio às ruínas da avenida Jade Maiwan. Cabul, Afeganistão, 1996.

MAPA n. 4 Deslocados e refugiados afegãos, curdos e palestinos.

LIVROS AKCELRUD, Isaac. *Oriente Médio*. São Paulo: Atual/Unicamp, 1984 . BRENER, Jayme. *Ferida aberta: o Oriente Médio e a nova ordem mundial*. São Paulo: Atual, 1996 . *As guerras entre árabes e judeus*. São Paulo: Scipione, 1997 . CARZOU, Jean Marie. *Un génocide exemplaire – Arménie 1915*. Paris: Flammarion, 1975 . DEL PINO, Domingo. *A tragédia do Líbano*. São Paulo: Clube do Líbano, 1989.

FILMES *Nova York sitiada* (1998, Edward Zwick) . *O pacificador* (1997, Mimi Leder).

AFEGANISTÃO

A Independência do Afeganistão ocorreu em 1919, quando Amanullah Kan liderou a guerra contra os ingleses. Foi derrubado em 1929 por Mohamed Nadir Shah. Em 1973, o Partido Democrata do Povo Afegão proclamou a República. Depois de uma série de conflitos pelo poder, Hafizullah Amin assumiu o cargo de primeiro-ministro em abril de 1979 e eliminou seus inimigos. O novo governo introduziu a alfabetização obrigatória e a reforma agrária, contrariando os interesses dos grandes proprietários de terras e dos dirigentes re-

ligiosos. No mesmo ano, Amin foi assassinado e a URSS, alegando razões estratégicas, invadiu o país, impondo o novo presidente, Babrak Karmal. A nova situação política levou milhões de afegãos ao exílio nos países vizinhos. Durante a década de 80, apoiado pelos soviéticos, o governo atacou os grupos rebeldes, impedindo a oposição de se estabelecer em termos políticos.

Em 1987, um cessar-fogo proposto pelo governo afegão e por Mikhail Gorbachev defendia a abertura das negociações e iniciava a retirada das tropas da URSS. As negociações demoraram seis anos para serem implementadas e, apesar dos governos de coalizão terem sido efetivados, os conflitos entre as guerrilhas das diferentes etnias afegãs (pachtos, tadjiques e uzbeques) assolaram e destruíram a capital, Cabul. O Alto Comissariado para Refugiados das Nações Unidas (ACNUR) estimava, no início da década de 90, que havia 4,5 milhões de refugiados, a maioria no Irã.

Em 1995, surgiu, no sul do país, um novo grupo armado, o Taliban, tendo como objetivo a criação de um governo islâmico unificado. Dois anos depois, eles tomavam a capital e tinham o controle da maioria do território, impondo ao Afeganistão as leis do Corão, excluindo as mulheres da esfera pública e do sistema educacional, proibindo o cinema, o teatro e o consumo de álcool. Atualmente, cerca de 90% do território está sob controle do Taliban, o restante ainda está dividido por diversos outros grupos armados.



Francine retornou do Afeganistão cheia de esperanças. Não acreditava que fosse possível reviver o drama palestino em outras regiões do planeta. Cinquenta anos de exílio eram demais. Gerações inteiras só tinham conhecido campos de refugiados.

Como membro da organização francesa de ajuda internacional *Ação Contra a Fome*, ela sabia dos perigos de conflitos tão prolongados, como na Palestina, que mantém campos de refugiados desde 1948, quando o Estado de Israel foi criado, depois da Segunda Guerra Mundial.

Desembarcou no aeroporto de Orli em meio a uma tempestade de neve. Sentia ainda o cheiro da poeira que respirara durante um mês de trabalho em Cabul. Não percebeu claramente porque pensou no Líbano naquele momento.

Absorta, caminhou pelas esteiras rolantes. Relembrava as conversas, os afetos e as novas experiências vividas com os jovens de Cabul.

– Francine! – gritou uma voz grave e forte em meio ao aglomerado de pessoas que esperavam no desembarque.

– Nabil! Que boa surpresa! – replicou com um largo sorriso.

Nabil era um poeta que conhecera no Oriente Médio, no campo de refugiados Ein el Hilweh, no Líbano. O rapaz de cabelos levemente cacheados, olhos negros e profundas olheiras, tinha um modo penetrante e misterioso de fitar o rosto alegre da francesinha. Ela encantou-se assim que o conheceu. Estavam juntos havia quatro anos e as atividades da moça, apesar de afastá-la constantemente do rapaz, eram valorizadas e respeitadas.

– Vamos para casa, fiz uma sopa vietnamita para você – afirmou o poeta sorrindo.

– Não acredito! Vamos, diga como fez, para eu saber se está gostosa.

– Claro que está! Quer a receita? – zombou Nabil. – Pois então preste atenção!

Sorria e caminhava a passos largos em direção à saída, arrastando a moça que mal podia conter sua alegria.

– Uma panela de água fervente. Pimenta-do-reino em grão, branca! Sal a gosto. Depois de

bem fervidos, coloque um maço pequeno de coentro verde, sem cortar, para ser retirado antes de servir. Finalmente, coloque meio quilo de filé mignon cortado em cubos pequenos, dois minutos antes de servir. Torradas e queijos devem ser colocados no prato antes de despejar o caldo fervente. Que tal?

- Maravilhoso! Temos um vinho Bordeaux para ajudar a aquecer ainda mais?
- Temos – disse Nabil.

Quando entraram no táxi, o rapaz ficou sério, dizendo que deveria embarcar em dois dias para o Líbano. As negociações entre Israel e a Autoridade Palestina estavam em perigo e novos atentados tinham sido realizados contra o campo Nahr el-Bared ferindo muitas crianças.

A moça fechou o semblante e pensou em todas as crianças que conhecia.

- Quantas mortes? – perguntou, ansiosa.
- Muitas, não sabemos o montante. A situação está muito tensa e o exército libanês reforçou os postos de controle do campo. Não se pode sair ou entrar livremente. Precisam de medicamentos, alimentos e informações. Meus irmãos conseguiram mandar notícias e pedem nossa ajuda imediatamente.
- Está bem, mas como vamos conseguir doações em tão pouco tempo?
- Já providenciamos com o Unicef e a Cruz Vermelha o envio de vacinas, antibióticos, ataduras, seringas e analgésicos. Há também alimentos para os primeiros dias.

Chegaram a um pequeno edifício em Montparnasse, num apartamento de dois quartos, onde moravam. Subiram as escadas estreitas de madeira e finalmente puderam desfazer-se das malas e pacotes que traziam. O estúdio, como é chamado o pequeno apartamento, estava quente e cheiroso, por causa da sopa vietnamita recém-cozida.

Sentaram-se para a refeição. Nabil tentava alegrar o ambiente, mas a hipótese de mortes de outros amigos e parentes pesavam-lhe o semblante.

- Não é possível que a situação palestina não tenha um fim adequado. Meio século de exílio é demais para qualquer um. Não se pode manter a idéia de terra prometida, de paraíso, em meio a tanta guerra e violência – desabafou com tristeza.
- É preciso um amplo movimento em defesa das terras palestinas – disse Francine. – Em Jerusalém é possível perceber que há elos de amizade entre os grupos muçulmanos e judeus.
- São muitos os campos de refugiados no Líbano. A situação é gravíssima. São mais de 150 mil na região Centro-Sul, 25 mil no Norte e mais da metade da população no Sul – disse Nabil.

A urgência do problema ficou martelando na cabeça da moça. Será que os franceses dormiriam em paz, se pudessem ver como a maioria das pessoas estavam vivendo? No Líbano, as crianças não têm escolas, as moradias não passam de ruínas, os bombardeios e atentados são constantes, e a prometida paz já conta com uma espera de meio século.

Mesmo assim, há vida e alegria entre eles. Há resistência e luta. São os refugiados que permitem aos demais povos perceber o sentido e a importância da liberdade – pensou, enquanto acomodava os pés numa almofada que usava para aquecê-los.

Nabil e Francine tomaram a sopa, degustaram o vinho e deitaram-se para descansar, valorizando muito a possibilidade de viver em uma casa simples e confortável.

FOTO Campo de refugiados palestinos de Nahr el-Bared, norte do Líbano, 1998.

MAPA n. 4 Deslocados e refugiados afegãos, curdos e palestinos.

LIVROS DEL PINO, Domingo. *A tragédia do Líbano*. São Paulo: Clube do Líbano, 1989 . HADAWI, Sami. *Dossier Palestina*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1976 . HERZOG, Chaim. *The Arab-Israeli wars*. Nova York, Vintage, 1984 . MANSFIELD, Peter. *Nasser e a revolução egípcia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967 . SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FILMES *Hanna K* (1983, Costa Gravas) . *Êxodus* (1960, Leon Uris).

PALESTINA

Em maio de 1948, Israel tornou-se um Estado independente, com um território maior do que o proposto pelas Nações Unidas. Os palestinos perseguidos pelo terrorismo estavam refugiados na Cisjordânia e na Faixa de Gaza. Eles foram entendidos como um problema a resolver e não como um povo refugiado.

Em 1964, Nasser incumbiu-se de forjar uma organização palestina unificada. O Conselho Nacional Palestino (CNP), reunido em Jerusalém no mesmo ano, criou a Organização para a Libertação da Palestina (OLP). O grupo clandestino Al Fatah iniciou uma operação militar em 1965 e, em 1967, estourou a Guerra dos Seis Dias, com a ocupação de toda a Jerusalém por Israel.

Em 1970, a OLP foi expulsa dirigindo-se para Beirute, onde Yasser Arafat, seu presidente, montou seu quartel-general. A organização foi reconhecida como única representante legítima do povo palestino pela Liga Árabe, em 1974.

Os conflitos prosseguiram. Em 1980, Menahen Begin, primeiro-ministro de Israel, e Anuhar Sadat, presidente do Egito, firmaram um acordo de paz em Camp David, com mediação dos EUA. Entretanto, o acordo não foi cumprido, tendo o próprio Begin anexado terras palestinas ao Estado de Israel.

Em 1988, o CNP, reunido em Argel, proclamou o Estado Palestino nos territórios ocupados por Israel. Arafat foi eleito presidente do novo Estado. Foi recebido pela ONU, forçando

o presidente dos EUA, Ronald Regan, a iniciar conversações com a OLP. A guerra do Irã contra o Iraque prejudicou a causa palestina, polaridade aprofundada com a guerra do Golfo.

Em 1991, celebrou-se, em Madri, a primeira Conferência de Paz sobre o Oriente Médio, definindo um programa para a devolução de partes do território aos palestinos. Arafat e Rabin (novo primeiro-ministro de Israel) assinaram declaração de princípios sobre a autonomia dos territórios ocupados.

Entretanto, o grupo radical Hamas e o Hezbollah (pró-Irã) continuaram os confrontos armados. Nesse confronto, palestinos e libaneses sofreram a violência dos combates, estando, há décadas, submetidos a extremo sofrimento.

Em maio de 1998, Arafat e o primeiro-ministro de Israel, Benyamin Netanyahu, reuniram-se na tentativa de estabelecer a paz, entretanto, não se chegou a um resultado concreto. Um ano depois, Ehud Barak, candidato trabalhista, foi vitorioso nas eleições israelenses, fato que criou novas expectativas para os possíveis acordos de paz no Oriente Médio.

Da vida pacata nas montanhas aos campos de refugiados



Nadia Tahir Ibrahim estava viajando havia muitos dias. Não sabia se poderia chamar de viagem o trajeto que fazia. Na verdade, fugira de Bagdá, a capital do Iraque, para Zachoe, no Curdistão. Tinha sete filhos, que foram deixados com amigos e parentes. Foi uma mudança repentina em sua vida. Um dia de agosto de 1996, Sinval, seu marido, chegou aflito em casa. Era oficial do exército iraquiano. Seria preso por agentes da polícia secreta de Saddam Hussein.

- De que o acusam? – perguntou Nadia.
- De ser informante do Congresso Nacional Iraquiano. Dizem que sou pago pelos Estados Unidos e que passei informações à oposição, por sua vez apoiada pelo governo americano.
- Essa acusação é verdadeira? – perguntou a mulher, temendo o pior.

O marido disse que não importava e apressou-se em fugir. Ela o seguiria depois de arrumar alguns pertences e deixar os filhos alojados. Alguns dias mais tarde foi ao encontro de Sinval.

- O senhor sabe como se pode atravessar a fronteira sem ser visto? – perguntou a um contrerrâneo que encontrou na estrada.
- Não – respondeu ele. – Somente a sorte ou Deus podem nos guiar. Fomos envolvidos numa guerra que não terá vitoriosos – afirmou, preocupado. – Também estou tentando sair daqui.
- Sei, mas de todo modo é preciso encontrar um lugar para nos escondermos. Já está amanhecendo e seremos reconhecidos se ficarmos na estrada.
- Para onde pretende ir? – perguntou o homem.
- Para a Turquia. Meu marido desapareceu e tenho de procurá-lo. Deixei muitos filhos em Bagdá. Não consigo retornar.
- Depois de cruzarmos o rio Tigre, teremos mais chances de chegar a um lugar seguro.
- Tudo por culpa dessa guerra! – afirmou a mulher, referindo-se à guerra do Golfo. – Te-

nho de encontrar meu marido. Nem sei o que lhe aconteceu. Era oficial do governo e de repente fugiu atemorizado para alguma cidade da Europa Oriental.

- Não podemos receber apoio externo – disse o homem, – já que somos confundidos com bárbaros sanguinários. Saddam é visto como louco e nossas cidades recebem bombas sem parar.
- Temos de tomar cuidado – disse Nadia. – Meu marido dizia que muitas vezes pessoas se oferecem para ajudar aos que estão próximos à fronteira em busca de informações sobre fugitivos para entregá-los às forças policiais. Não podemos confiar em ninguém!
- Os iraquianos estão divididos – afirmou o homem. – O governo de Saddam reprime fortemente suas oposições. Não há liberdade. Possivelmente seu marido era contrário às posições do governo.
- Talvez fosse, e, se descobrirem quem somos, em vez de campos de refugiados, podem nos encaminhar às prisões.

Nadia ficou em silêncio sentindo um forte pressentimento. Sonhou que o marido estava morto. Muitas vezes ignorou as denúncias de que Saddam estava matando os curdos em campos de extermínio, como os nazistas fizeram durante a Segunda Guerra.

- Já ouviu falar dos guerrilheiros que estão nas montanhas? – perguntou ao homem.
- Eles combatem nossos contrerrâneos. Estão organizados no PKK de Abdullah Ocalam.
- O Partido dos Trabalhadores do Curdistão? – perguntou apenas para prosseguir o diálogo.
- Não o conhece? – retrucou.
- Apenas ouvi dizer. Pertencia ao grupo contrário a eles. Não sei como tudo virou. Não pude sequer compreender as razões que levaram meu marido a cair em desgraça com Saddam.
- Essa é a pior coisa. Pelo menos estou fugindo porque escolhi um lado para lutar. Pretendo defender nossa autonomia; os Estados Unidos nos usaram contra Reza Pahlavi, agora pretendem nos incriminar. Acho que ambas as posições fizeram muita violência. O caso do Curdistão é um exemplo disso.

Ficou pensativo refletindo sobre a perda do controle político dos curdos sobre o próprio território, dividido entre o Irã, o Iraque, a Turquia e outros, depois da Segunda Guerra Mundial. A repressão, o desrespeito pela cultura e a violência da exploração foram usados tanto pelos americanos quanto pelos soviéticos como estratégia, durante a Guerra Fria. Os curdos acabaram perdendo todo o seu território e se espalharam pelo mundo, depois de inúmeros massacres.

Olhou para Nadia e quis saber como ela havia se envolvido no conflito político. Não lhe parecia que ela tivesse qualquer engajamento, ou mesmo clareza dos perigos decorrentes da nova condição de refugiada.

Nadia sentiu vergonha. Durante muitos anos, entregara seu destino ao marido sem nenhuma ressalva e agora estava sozinha, nem sequer sabia a dimensão do problema que

deveria enfrentar. Pensou nos filhos, nos parentes e no destino do marido. Não poderia sequer provar, caso ele tivesse sido assassinado.

Atravessaram a fronteira. Estavam no Curdistão turco. Foram abordados por uma viatura policial que os obrigou a embarcar no camburão e os conduziu até a Aldeia de Doganli.

Separou-se do homem com quem seguia e ficou num alojamento para mulheres.

– Pretendia ir para a província onde nasci. Não me permitiram. Tentei voltar para Bagdá. Não foi possível. Por que estou sendo detida? – perguntou a um funcionário que a conduzia por um longo corredor.

– Porque está sem documentos e sem visto de entrada no país. De onde vem? – indagou o funcionário.

Sentiu-se como um animal indefeso, encurralado. Disse ao comandante do serviço que precisava encontrar o marido desaparecido. Avisar os parentes de seu destino, receber notícias dos filhos, saber se era verdade que o marido fora morto por Saddam. Precisava noticiar o mais rapidamente possível que sobrevivera. Só assim teria alguma garantia de prosseguir viva. Chorava sem parar. Não aceitava a reviravolta de sua vida. Não conseguia se perdoar pela ignorância de suas responsabilidades para consigo mesma e para com os filhos que deixara para trás.

– Preciso descobrir o que está acontecendo com os curdos! – pensou, meio alucinada, – enquanto enxugava os olhos inchados de tanto chorar.

Se são milhares expulsos de suas terras, tanto os que habitavam as montanhas, pacatos camponeses, como aqueles que foram sendo treinados no combate contra as forças rebeldes, seriam bons aliados para ela, que nada conhecia no mundo a não ser alguns bairros de Bagdá.

– Você também é curdo? – perguntou Nadia a um refugiado que se aproximava.

– Não, eles estão em situação pior do que a nossa. Foram divididos entre diversos países depois da Segunda Guerra. Sou migrante do Afeganistão. Mas não importa de onde cada um de nós venha, todos cometem ilegalidades continuamente, quando se trata de atender refugiados. Ficamos numa condição totalmente instável e ao arbítrio dos funcionários de plantão.

– Temos de denunciá-los à Anistia Internacional – disse uma mulher que ouvia a conversa.

– Como podemos fazer isso? – inquiriu Nadia.

– Fique atenta. Quando os comitês de fiscalização aparecerem, teremos de mandar mensagens. Há muitos fotógrafos e jornalistas que acompanham essas guerras. Eles podem noticiar as arbitrariedades e divulgar que estamos vivos. Nossos parentes terão notícias e poderemos contar com alguma ajuda para sobreviver nesta tragédia.

Nadia descobria a cada momento um mundo novo e cheio de sofrimento. Ficou sabendo da existência de uma prisão na Lituânia, onde viviam inúmeros curdos do Iraque.

Imaginou que seu marido pudesse ter sido encaminhado para lá. Resolveu ir para esse país tão longínquo, pois era uma nova possibilidade de cumprir os objetivos de sua caminhada. Soube então que deveria seguir por Damasco, Istambul e Moscou. Daí iria para Vilna, na Lituânia.

Nadia suspirou aliviada. Já dera alguns depoimentos e poderia receber apoio e solidariedade, que ela mesma nunca dera a seus semelhantes. Procurou o Comissariado da ONU e, finalmente, chegou ao Centro de Detenção de Pabrade. O marido não estava aí. Agora, estava ainda mais distante de casa, detida por não possuir passaporte legal e sem saber notícias nem do marido nem mesmo dos filhos.

FOTO Mulheres viúvas, cujos maridos foram seqüestrados pelos soldados iraquianos. Aldeia de Beharke, Curdistão Iraquiano, 1997.

MAPA n. 5 Refugiados da guerra na ex-Iugoslávia.

LIVROS MILEER, J. e MYLROYE, L. *Saddam Hussein e a crise do Golfo*. São Paulo: Scritta, 1991. SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. *Enciclopédia do mundo contemporâneo*. São Paulo: Publifolha; Rio de Janeiro: Terceiro Milênio, 2000.

FILME *A 25ª hora* (1967, Henri Vemeuill).

CURDOS: UMA NAÇÃO SEM ESTADO

Ao final da Segunda Guerra Mundial, organizou-se, na região de Mahabad, o primeiro partido político da história dos curdos, o Partido Democrata do Curdistão, aproveitando a intervenção militar dos aliados sobre o território iraniano. No entanto, esse partido durou apenas onze meses, sendo severamente massacrado, assim que o xá Reza Palev reassumiu o controle do Irã, em 1946.

O único país que, nos anos 50, reconheceu o povo curdo foi o Iraque, cuja Constituição foi promulgada com a revolução que derrubou a monarquia hachemita e declarou o caráter binacional do país: curdos e árabes teriam seus direitos garantidos. Entretanto, o novo líder, Abdul Kassem, iniciou a perseguição aos curdos, que foram obrigados à assimilação. Sucederam-se diferentes chefes políticos no Iraque, mas a ação contra os curdos permaneceu inalterada. A resistência curda impôs, no entanto, uma barreira às investidas iraquianas.

Na década de 70, os curdos encontravam-se na agenda diplomática e geo-estratégica dos países envolvidos no controle do Oriente Médio, como uma das poucas unanimi-

dades: não havia interesse na formação de um Estado curdo independente. Nesse contexto, foram impulsionados a uma guerra contra o Iraque, cujo resultado esperado era a desestabilização política iraquiana.

Em fins da década de 70, surgiu o Partido Trabalhista do Curdistão (PKK), fundado por Abdullah Ocalam, de inspiração marxista e perspectiva de ação guerrilheira. O PKK cresceu rapidamente e, no início da década de 90, controlava a porção turca do Curdistão. As tréguas e os acordos de paz entre o governo turco e o partido não foram efetivados, levando a um conflito intermitente entre ambos (desde 1984) e à morte mais de 30 mil pessoas.

A ascensão de Saddam Hussein e a investida iraquiana contra o Kwait, em agosto de 1990, foram acompanhadas por um sistemático genocídio dos curdos e pela supressão de seu frágil território autônomo, o que levou parte da população a refugiar-se nos países vizinhos. A ONU criou no território iraquiano, em 1991, uma zona de proteção à população curda, mas sem o controle de Bagdá. Em 1995, uma operação do exército turco invadiu o Iraque em busca dos guerrilheiros do Partido Trabalhista de Ocalam. A ofensiva, que contou com a benevolência da “comunidade internacional”, objetivou evitar que o Curdistão iraquiano se tornasse o estopim de uma independência dos territórios curdos na região.

Em fevereiro de 1999, Ocalam foi capturado, numa ação conjunta da Turquia e do serviço secreto israelense, sob acusação de terrorismo. Sua prisão provocou dezenas de protestos diante das embaixadas turcas da Europa, onde vivem milhões de curdos, emigrados durante as últimas décadas, em virtude das perseguições sofridas pelos Estados vizinhos.

Agravaram o quadro os conflitos entre os grupos políticos no Curdistão, estando longe de atingir um acordo sobre os rumos da luta pela independência de um Estado autônomo, tendo em vista diferentes projetos políticos e recortes de caráter religioso. A perspectiva de unidade política e territorial para a nação curda encontra, atualmente, desafios quase intransponíveis, considerando os interesses das potências regionais (Turquia e Irã) e a ausência de aliados com peso político internacional.

Pequenos moradores de antigos trens alemães



Ivan estava encantado. Depois de muitos dias de caminhada no frio e com uma fome desesperadora, encontrou um bom abrigo para se esconder e proteger Sergei. Estavam no campo de Ivankovo, na Croácia Oriental, justamente na fronteira entre a Croácia, a Sérvia e a Bósnia. Eram órfãos da guerra da Bósnia e procuravam um lugar onde pudessem sobreviver no inverno.

Ivan era um menino magro e alto, com o corpo um pouco disforme pelo crescimento rápido que tivera entre 10 e 12 anos. Tinha a pele queimada de sol e frio, cabelos claros e lisos, olhos verdes como esmeralda e uma boca bem-feita, com lábios grossos. Quando sorria, duas covinhas apareciam nas faces, reforçando seu jeito infantil.

O abrigo era um vagão todo revestido de madeira escura, com paredes de tecido bege claro e fios dourados fazendo o revestimento das bordas. Os bancos estavam sem os estofamentos, podendo-se ver, pelos restos existentes, que, originalmente, eram verde-claros, de veludo macio. Havia lustres e armários.

Tudo estava velho e estragado, mas ele era capaz de imaginar a beleza do compartimento e, mesmo no estado em que se encontrava, o vagão ainda era o melhor lugar para se proteger. Jogou-se no banco e sentiu a falta das almofadas imaginadas. Sergei, seu amigo inseparável, gargalhou forte, trazendo-o de volta à realidade.

– Estamos num campo de refugiados e não num trem de luxo – ironizou o amigo.

Sergei era mais novo, baixo e um pouco mais gordo. Estavam sempre juntos nos tempos em que podiam ir à escola. Ele fazia mais sucesso com as meninas, especialmente por ter olhos escuros, uma raridade naquele lugar.

– Pare de rir, não vê que este trem era do comando alemão na Segunda Guerra? – disse com ares de superioridade.

– Vejo. Mas, com mais de cinquenta anos de abandono e sem conserto, ele já está uma verdadeira sucata!

– Nada disso! Vamos consertá-lo e deixar como se fosse novo.

– De que maneira?

Ivan tinha visto, num lugar bem próximo dali, uma hospedaria com muitos lençóis e cobertores pendurados no varal. Já havia pensado que não passariam mais frio. Além disso, vira também uma manta de veludo verde no tom imaginado para o estofado dos bancos.

– Vamos até Vinkovci que teremos tudo o que for necessário. É um bom lugar para encontrarmos estofamentos e tecidos. Se não, bem próximo daqui, há um varal cheio de roupas que podem servir para esse conserto.

– Vamos roubar? – perguntou o pequeno, de olhos arregalados.

– Não, apenas usar o que está sem uso – disse o outro sorrindo.

Sabia que em Vinkovci nada estaria disponível, pois moravam 150 pessoas em dois trens.

– É melhor irmos para Turanj. Aí existem mais possibilidades – afirmou o pequeno Sergei, com ares de sabedoria.

– Como você sabe disso? – perguntou Ivan, espantado.

– Esqueceu que sou sérvio? Fomos os primeiros a ser expulsos e perseguidos. Meus parentes conseguiram autorização para deixar os Bálcãs.

– Já sei, mas não podemos ir de modo algum, o campo está minado e o perigo é muito grande. Além de tudo o que já sofremos, não quero perder um braço ou uma perna.

– Você conhece todos os campos de refugiados onde estão nossos povos? – Sergei perguntou, preocupado.

– Parece que o maior é o de Krajina. Mas a área de maior conflito é Bihac. Fugiram daí em um único dia 40 mil pessoas, pois os conflitos entre as facções muçulmanas do presidente Alija Izetbergovic foram por ele reprimidos com extrema crueldade.

Ivan ficou pensativo. Era muito triste pertencer a um povo de refugiados, sem terra, sem pátria e sem segurança. Mas era pior ainda pensar que os conflitos entre cristãos e muçulmanos produzissem tantos sofrimentos e mesmo a morte.

Achou que Deus deveria gostar muito do sofrimento das pessoas. Quantos deuses existiriam no mundo? – perguntou-se em silêncio. Estava descrente de todos os que conhecia. Não queria mais nenhuma religião, decidiu consigo mesmo.

– Este trem será nossa terra – afirmou. – Vamos fazer dele o melhor lugar do mundo e, se nos atacarem, colocaremos o carro em movimento e seguiremos para a Europa Ocidental em nosso próprio país!

Estava animado imaginando a velha carcaça transformada numa máquina poderosa que seguiria por trilhos pelo mundo afora, sem barreiras e sem fronteiras.

Fazia movimentos como os antigos maquinistas e ria feliz. Sergei aderiu à brincadeira e fazia-se de passageiro balançando o chapéu às pessoas que os observavam nas estações percorridas.

– Mas aqui não cabem todos os sérvios e croatas que tanto amamos. Você sabe que fomos

ligados por muitos anos e esta guerra atual não é aceita por todos os nossos amigos. Lamento tanto perder as relações afetivas que durante anos nossos avós mantiveram! Temos de recuperar nosso chão e reunir nossos amigos, criando novos laços de tolerância – afirmou Sergei.

Ivan ouvia o amigo e pensava em sua maturidade perante os dilemas que estavam vivendo. Tinha a impressão de que ele era muito mais velho quando isso acontecia. Entretanto, sabia que o rumo da conversa iria despertar muitos fantasmas que atormentavam os sonhos do amigo, por isso, mudou de assunto.

– Não importa, vamos consertar o trem e depois pensaremos num modo de reunir todos os amigos.

Seguiram os dois com muito cuidado em busca de um varal que tivesse uma manta verde, a responsável pelo entretenimento dos adolescentes por mais alguns meses.

O sonho dos meninos fez com que eles se sentissem vivos e despreocupados. Talvez um dia pudessem participar da reconstrução de seu país e construir um futuro em que a violência não pudesse ter sentido.

FOTO Refugiados instalados em antigos trens de passageiros, campo de Ivankovo, Croácia, 1994.

MAPA n. 5 Refugiados da guerra na ex-Iugoslávia.

LIVROS ALENCAR, Kennedy. *Kosovo – A guerra dos covardes*. São Paulo: DBA, 1999 . BAPTISTA, Luiz Olavo. Reflexões em torno de Kosovo. *Panorama da Conjuntura*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 11-13, maio/jun. 1999 . BRENER, Jayme. *Tragédia na Iugoslávia – Guerra e nacionalismo no Leste Europeu*. São Paulo: Atual, 1993 . COGGIOLA, Oswaldo. *Imperialismo e guerra na Iugoslávia*. São Paulo: Xamã, 1999 . VICKERS, Miranda. Entre o sérvio e o albanês – Uma história de Kosovo. *Colúmbia Imprensa Literária*, 1998.

FILMES *Quando papai saiu em viagem de negócios* (1985, Emir Kusturica) . *Antes da chuva* (1984, Milcho Manchevski) . *Bósnia!* (1995, Bernard-Henri Lévy)

AS LUTAS PELA INDEPENDÊNCIA NA IUGOSLÁVIA

Terminada a Segunda Guerra Mundial, o marechal Josip Broz Tito assumiu a presidência da recém-formada República Popular Federal da Iugoslávia, composta por seis repúblicas: Eslovênia, Croácia, Sérvia, Bósnia-Herzegovina, Montenegro e Macedônia, além de duas províncias autônomas – Kosovo e Voivodina.

Tito instaurou um governo comunista centralizador e nacionalista, conseguindo, até sua morte, em 1980, manter as divergências étnicas da região sob controle. Depois disso, os conflitos étnicos começaram a se tornar incontroláveis. A Iugoslávia passou por uma

crise econômica explicitando as desigualdades existentes entre os países que compunham o território (Eslovênia, Croácia e Sérvia eram mais fortes; Kosovo e Montenegro, mais pobres). Após 1980, o poder tornou-se uma presidência colegiada, composta por um representante de cada república e da província autônoma, mais o presidente da Liga Comunista da Iugoslávia (LCI). Entretanto, em 1990, com a saída dos partidos comunistas da Eslovênia e da Croácia da Liga Comunista, esta renunciou ao monopólio político outorgado pela Constituição. As repúblicas iugoslavas não entraram em consenso sobre quem as presidiria e, nesse contexto, a Eslovênia, a Croácia e a Macedônia, que já tinham sua nacionalidade reconhecida desde 1946, declararam independência em 1991.

O líder do Partido Socialista da Sérvia, Slobodan Milosevic, a favor da reunificação, comandava as tropas federais que respondiam principalmente à Sérvia – em combate contra as regiões separatistas. Daí invadiram a Croácia, ocupando aproximadamente um quarto de seu território (a Eslovênia do leste e do oeste e Krajina, que em 1991 se proclamara República da Krajina Sérvia). Ao final do conflito, Croácia e Eslovênia, ocupada pelas tropas sérvias, estavam independentes.

A GUERRA NA BÓSNIA-HERZEGÓVINA

A Bósnia-Herzegovina seguiu os mesmos passos dos outros Estados, mas, nesse caso, o conflito com as forças sérvias foi mais sangrento. Sarajevo (capital da Bósnia) abrigava comunidades de croatas e de sérvios ortodoxos, em meio a uma maioria muçulmana (40% de muçulmanos, 37% de sérvios e 21% de croatas). Com a criação da Iugoslávia, sob hegemonia sérvia, os bósnios muçulmanos que não eram sérvios nem croatas passaram a ser tratados como eslavos de fé islâmica.

Em 1990, os bósnios elegeram presidente o muçulmano Alija Izetbergovic, procurando não entrar em conflito com sérvios e croatas e respeitando a liberdade religiosa. Os bósnios aprovaram a independência do país, mas o líder sérvio Slobodan Milosevic já preparava suas tropas para impedir a total autonomia do território. Ocupou a região da Bósnia, uma vez que grande parte da população sérvia estava concentrada na área rural e os muçulmanos na área urbana. As tropas muçulmanas, mesmo aliadas aos croatas, não eram tão fortes quanto seu oponente, o que rendeu um ano de cerco sérvio na Bósnia. À população faltavam alimentos, medicamentos, situação que o rigoroso inverno agravava ainda mais.

A notícia de que os sérvios estavam praticando a “limpeza étnica” contra os muçulmanos surgiu em 1992. De fato, os sérvios criaram 41 campos de concentração, onde foram “recolhidos” milhares de muçulmanos croatas e bósnios. A ONU propôs acordos de paz entre as partes, mas as propostas se mostraram ineficientes.



Muhamar tinha 17 anos de idade. Desde os 12 não vivia mais com seus pais. Deixara o país para se livrar do serviço militar que o levaria à guerra. Seu país vivia em guerra desde a década de 1970, quando as várias etnias se uniram contra as tropas coloniais e proclamaram a independência. Ele não sabia o significado de pertencer a um lugar pacífico, pois, quando nasceu, os grupos twas, hutus e tutsis já combatiam entre si e alguns disputavam o poder por meio da luta armada. Só conhecia o povo de sua província.

Sua mãe contava sempre uma história, muito antiga, dos tempos da dominação alemã, que visava a exploração econômica de vários lugares da África. Um dos produtos de grande interesse era o algodão, mas queriam também os minérios, o petróleo e, especialmente, os trabalhadores.

Os parentes de Muhamar eram artesãos que produziam fibras e as tingiam com cores fortes, como o vermelho, o azul, o amarelo, com as quais faziam redes, forração de paredes, cestos e adornos que usavam em arranjos especiais para descansar, proteger o corpo ou a cabeça do sol e dos ventos fortes.

Olhou para Zamia, sua amiga inseparável, e admirou a textura e a cor da túnica amarela e laranja que cobria seu corpo longo e magro.

- Somos muito bons na arte de tecer, não acha? – perguntou à garota que estava distraída.
- E daí? Continuamos pobres e refugiados – respondeu a moça com desânimo.
- Temos de aprender a valorizar nosso território – afirmou com convicção. – Há muitos séculos nosso continente é cobiçado e disputado pelos europeus e agora pelos americanos. Isso prova que temos muito valor.
- Fomos também escravizados e vivemos muitos conflitos internos. Como combater essa situação, agravada ainda pela idéia de que somos atrasados? – disse a moça.
- Relembrando nossas tradições, nossas culturas tão diversas e ricas. Temos bom tabaco, riquezas minerais, petróleo – respondeu o rapaz.

- Precisamos construir uma imagem nova, é isso que você pretende?
- Claro! Lembre-se do Saara, das descobertas sobre a origem do homem, dos valores arqueológicos, dos antigos impérios. Pense que nosso continente está entre o Atlântico e o Pacífico, permitindo a formação de países com múltiplas experiências.
- É preciso também lembrar que mantemos nossa língua, costumes, mesmo tendo sido colonizados por várias nações européias. Aqui se fala português, francês, inglês, mas nossas línguas não foram abandonadas, elas são nosso modo de comunicação e poucos dos colonizadores da Europa e da América as conhecem.
- Entretanto, vivemos num campo de refugiados – disse o rapaz. – Estamos na Tanzânia, com jovens de muitos lugares da África, especialmente do sul do Sudão, Angola e Moçambique.
 - Ambos estavam sentados num monte de folhas de tabaco e olhavam o céu estrelado.
 - Sabiam que o caso mais trágico era o dos ruandenses. Desde 1994, com a morte do presidente hutu, Juvenal Habyarimana, o país entrara numa guerra civil cujas atrocidades comoviam o mundo.
- Matar o presidente com um míssil no aeroporto de Kigali foi um ato de extrema ousadia – afirmou a moça, pensativa.
- O pior é que a impunidade sobre os vários crimes estimula seu crescimento. Quantos já foram mortos? Os números são absurdos – afirmou, aflito.
- Entre cem mil e um milhão! É impossível aceitar tamanha diferença. Não posso aceitar a idéia de que somente os tutsis tenham responsabilidade nesse genocídio. Pelo menos, a Frente Patriótica Ruandesa tem procurado encontrar os corpos dos chacinados que se espalham por mais de 200 quilômetros entre Kigali e Ruanda. Os mortos são tutsis e apenas alguns hutus mais moderados.
- Temos de refletir sobre nossas dificuldades também – afirmou a moça. – Por que somos tão pobres, se temos tantas riquezas?
- Somos produtores de café, batatas, feijões, minerais. Compramos máquinas, motores e equipamentos dos europeus que nos colonizaram. Alemães e belgas ainda nos exploram. Compramos caro e vendemos barato.
- É muita a diferença? – perguntou a moça.
- Enorme. É de mais de cem milhões por ano. Por isso temos muita pobreza. Doenças e desnutrição são fruto de nossas carências de recursos.
- Como você sabe tantas coisas, Muhamar?
- Pelas histórias contadas por meus avós e minha mãe. Também leio muito. Não apenas nossos escritores, mas também jornais e, quando trabalhei para o Comitê das Nações Unidas, pude encontrar muitas informações pelas redes de computadores.

- Zamia tinha muito interesse em lidar com as máquinas de comunicação, como as apelidara. No campo da Tanzânia não era possível acessar a Internet e muitos jovens não conheciam o francês, usado nas escolas de Ruanda.
- O francês é uma bela língua, mas não nos coloca no mundo – comentou, distraída.
- É bom não se esquecer de que poucos de nós sabem ler e escrever – disse Muhamar. – Poderíamos aproveitar e ensinar aqui no campo – afirmou, animado.
- Pode ser uma boa idéia, mas não temos materiais. O que vamos usar? Podemos usar a própria terra, a argila, alguns gravetos para fazer as letras, nossos artesanatos podem ser trocados por materiais como canetas, lápis e papel. Quando faltarem, os trabalhos dos jovens podem ser bons materiais de divulgação de nosso esforço pela vida.
- Talvez dê certo. O pior é não podermos estar em nosso país, a quantidade de mortos e os refugiados espalhados por tantos lugares como este em que estamos. Temos de criar um modo novo de viver. Será que a África poderá ainda ser um lugar de paz e de defesa da vida?
- A história deste continente é trágica, Muhamar. Foram muitos deslocamentos populacionais, muito antes de os portugueses chegarem no século XVI. Desse momento em diante, nosso povo foi levado para as ilhas do Atlântico e para a América, como escravo. Depois fomos dominados e explorados pelos europeus, que fomentaram ódios profundos. Disso tudo sobraram muitas divisões internas e as guerras.
- Temos de divulgar nossas histórias e, como você mesmo diz, mostrar que somos portadores de valores culturais antigos, distintos dos europeus. Aliás, eles também nos consideraram especiais, tanto é assim que continuam disputando nossa África. Temos muitas riquezas em água, em petróleo e muitos minérios e, por isso, possibilidades de criar um novo lugar de generosidade e alegria.

FOTO Escola para jovens que escaparam do recrutamento forçado no sul do Sudão. Campo de refugiados em Kakuma, Norte do Quênia, 1993.

MAPA n. 6 Refugiados no continente africano: sudaneses, ruandeses, moçambicanos e angolanos.

LIVROS BRUNSCHWIG, Henri. *A partilha da África*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1972 . CANÊDO, Letícia Bicalho. *A descolonização da Ásia e da África*. São Paulo: Atual, 1997 (Col. Discutindo a História) . CARDOSO, Renato. Estado e desenvolvimento em África. *Economia e Socialismo*, 10(71), mar. 1987 . CASTRO, Armando. *O sistema colonial português em África – meados do século XX*. 2. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1980 . CHIALIAND, Gerald. *A luta pela África*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

FILME *Preto e branco em cores* (1976, Jean-Jacques Annaud).

O território de Ruanda-Urundi, após a Primeira Guerra Mundial, passou a ser governado pela Bélgica, em razão da partilha da África entre as nações vencedoras do conflito. A Bélgica exercia a administração por intermédio do Congo (depois Zaire, hoje, República Democrática do Congo) e, com isso, os tutsis se consolidaram no poder, mesmo sendo minoria. Entretanto, os agricultores hutus organizaram-se no Partido do Movimento de Emancipação Hutu (Parmehutu) e, em 1959, derrubaram a monarquia tutsi.

Depois de violenta guerra civil, o governo colonial belga resolveu se retirar e o Parmehutu, observado pela ONU, venceu as eleições, em 1961. Um ano depois, separou-se do Burundi. A estrutura de poder que favorecia os tutsis foi abolida, as terras foram repartidas em lotes privados, mas não se obteve com tais reformas a unidade nacional desejada.

Em 1964, inicia-se a guerra civil, que deixou 20 mil mortos e expulsou 160 mil tutsis do país. A guerra se deu pelos conflitos étnicos entre os twas, responsáveis pelo artesanato, tutsis, pela criação de gado, e hutus, pela agricultura, cujos interesses pareciam antagônicos, dificultando a instalação de um poder político centralizador, o desenvolvimento da vida urbana e de novas relações sociais.

No final da década de 1960, tentou-se reintroduzir o cultivo do café, abandonado desde a independência. Ao contrário do que se esperava, os conflitos aprofundaram-se com a criação de uma burguesia rural que, sobreposta às demais divisões, provocou enormes ondas de violência.

Diante da ameaça de nova guerra civil, o coronel Juvenal Habyarimana derrubou o presidente Kayibanda em 1963, dissolveu o Parmehutu e procurou reconciliar Ruanda com os países vizinhos. Criticado por ter relações próximas com a França e com o Zaire e por desenvolver um programa liberal, Juvenal optou por expulsar seus adversários do partido e prendeu os opositores mais radicais como Alexis Kanyarengwe, que se refugiou como perseguido político na Tanzânia.

Em 1982, Uganda iniciou a expulsão maciça e violenta dos exilados de Ruanda, que não estavam autorizados a retornar ao país. Povoados inteiros foram queimados, mais de 10 mil pessoas ficaram desabrigadas e sem comida. Em 1986, Uganda concedeu cidadania aos que aí viviam havia mais de dez anos, melhorando as relações entre os dois países. Habyarimana criou o Conselho Nacional de Desenvolvimento, democratizou o país, libertou mais de mil presos políticos e adotou algumas medidas em defesa dos direitos humanos, especialmente nas prisões. Em 1988, foi reeleito, garantindo a volta de 60 mil hutus procedentes do Burundi.

Em 1990, Fred Rwigyema, um alto oficial tutsi, liderou um levante militar contra o país, tendo o presidente pedido ajuda da Bélgica, França e Zaire para combater o golpe.

Em 1991, novo ataque, agora de 600 soldados da Frente Popular Ruandesa, foi rechaçado. No ano seguinte, 300 tutsis foram assassinados e 15 mil obrigados a se deslocar para Mugesera. Em 1994, com as mortes de Juvenal e de Cyprien Ntaryamira, num atentado contra o avião em que viajavam para Kigali, após uma Conferência de Paz na Tanzânia, iniciou-se novo banho de sangue que eliminou 800 mil pessoas em três meses. França, Estados Unidos e Bélgica decidiram enviar tropas e retirar os estrangeiros. O governo de Mitterrand autorizou o ataque ao aeroporto de Kigali, para retirar 600 franceses que moravam na cidade.

Em 1997, a Anistia Internacional denunciou não só o grande número de valas comuns com cadáveres, como também os assassinatos de tutsis e hutus, assim como de funcionários da ONU. Em 1998, Kofi Aman (Secretário Geral da ONU) e o papa João Paulo II pediram clemência para 22 responsáveis pelo genocídio, mas não foram atendidos.

O atual presidente, Pasteur Bizimungu, responsabiliza o longo processo de dominação europeia tanto pelo genocídio quanto pelas divisões internas do país.



Muhamar acordou assustado. Algo muito terrível acontecera nessa noite. Comentava-se que um grupo de refugiados havia sido transferido para o hospital de Kibumba depois de um conflito, que resultou na morte de doze pessoas, por tentarem se apropriar de um pouco de água, num povoado próximo ao campo. Parecia que todos estavam enlouquecidos. Pegavam seus pertences, gritavam e reuniam os grupos que deveriam esconder-se ou mesmo seguir em busca de outro lugar.

O Alto Comissariado das Nações Unidas reunia as equipes dos *Médicos sem Fronteiras* e tentava manter os doentes e feridos no campo, mas era impossível controlar a decisão de 50 mil pessoas que atemorizadas pretendiam fugir .

Zamia, que se agarrava ao amigo com medo de ser arrastada pela multidão, perguntou.

– Que dia é hoje?

– 29 de março de 1995. Por que isso agora?

– Se sobrevivermos, essa data deve ser registrada como o dia em que perdi as esperanças – respondeu a jovem com os olhos arregalados e dos quais escorriam grossas lágrimas.

– Ouvi dizer que os militares da Tanzânia estão fechando as fronteiras. Não podem receber mais ninguém. Quando estive lá, muitos de nossos parentes viviam em cabanas de plástico, sem possibilidades, até mesmo, de enterrar os mortos que permaneciam amontoados pelos campos. Já receberam 600 mil. Parece que há ruandenses demais no mundo!

– É claro, muitos grupos viviam separados. Com as guerras, houve muita aglomeração de pessoas em lugares muito próximos, pondo todos nós em sérias dificuldades. Essa súbita vida em núcleos urbanos causou problemas de abastecimento de água, alimentos e de trabalho.

– Ademais, esse volume de pessoas aglutinadas num mesmo lugar provocou desmatamentos, crise na produção de alimentos, e a falta de esgotos, de cemitérios e de medicamentos vem se tornando cada vez mais grave.

Pensou que estavam vivendo num círculo vicioso. A guerra os debilitava e eles provocavam a rápida alteração do meio ambiente. A natureza sentia toda a tragédia pela qual estavam passando.

– Minha amiga, não dá para resolver nenhum problema quando, numa população de 7 milhões de ruandenses, um milhão foi massacrado em apenas quatro meses.

– Eu estou vivendo como posso – disse Zamia. – Estou caminhando de um lugar para outro há tanto tempo que apenas passo pelos lugares. Como vamos contar essa história a nossos filhos? Não tenho nada para contar a não ser que vejo a morte todo o tempo em todos os lugares. Não sei cantar, não lembro do rosto de minha mãe, não tenho parentes, somente você está comigo – afirmou soluçando.

Ambos ficaram em silêncio.

– Agora temos também a cólera nos acompanhando – disse para si mesma depois de alguns minutos.

– Zamia, essa tristeza não vai continuar por muito tempo, lembre-se de tudo o que temos conversado nessa longa caminhada. E as histórias de seus avós? Lembra quanto já rimos do jeito que ele enrolava as fibras dos cestos? Lembra dos belos potes de argila pintados? E das panelas, e do modo como ele dançava? Vamos, procure alguma coisa para fazer para esquecer a dor e a morte. Tenho medo de que já estejamos nos acostumando com a violência. Esse seria o maior perigo para nós!

Ela sorriu, enxugando os olhos vermelhos, e disse, em tom de galhofa:

– Não entendi nada do que você disse. Às vezes é muito difícil saber o que você pensa. Tenho medo de morrer, de pegar doença ou ficar aleijada. Mas tenho mais medo ainda de ficar sozinha, de perder você.

Temendo ser contaminado pelo sentimento de banalização da vida que pouco valia naquele lugar, Muhamar procurou cantarolar uma canção de ninar que sua mãe murmurava quando ele era bem pequeno. Era a lembrança mais doce que poderia tirar de sua memória nesses momentos dolorosos de sua vida.

O rapaz nem conseguia mais chorar. Parecia que as lágrimas tinham secado como as águas dos pequenos lagos que existiam em Ruanda. As coisas que o faziam ficar mais forte eram a coragem e a dedicação dos grupos de ajuda que chegavam de muitas partes do mundo.

Alguns grupos humanitários de franceses, belgas e holandeses por intermédio de organizações não-governamentais dedicavam-se a ajudá-los, convivendo com eles naquela miséria. Se podiam deixar suas cidades, conforto, filhos para se dedicarem aos doentes, às crianças, ou aos mutilados, ele e sua amiga, fortalecidos por essa solidariedade, também continuariam as lutas pelas próprias vidas e pela dos demais.

Os momentos mais reconfortantes eram os que ocorriam com a chegada dos carregamentos do Programa Mundial de Alimentação. As crianças eram organizadas em

grupos para receberem os alimentos. A recomendação do Comissariado era para que fossem dosados.

– Sabe que não se pode alimentar demais um faminto? – perguntou à amiga.

Ela arregalou os olhos redondos e moveu negativamente a cabeça.

– Se você exagerar, a pessoa pode ter um choque – continuou o rapaz.

– Acho que essa história é só para enganar a gente – disse a moça, desconfiada.

Ele riu e afirmou que também não era bom modificar os costumes alimentares das pessoas, pois a desidratação poderia piorar ainda mais a frágil vida dos desnutridos.

Zamia aderiu ao trabalho voluntário e se engajou numa das equipes dos *Médicos sem Fronteiras*. Queria salvar vidas. Começou cuidando de ferimentos e de diarreias, depois passou a fazer higiene de feridas putrificadas, com bandagens de algodão, mais tarde aprendeu a aplicar injeções e a fazer alimentos balanceados para as barrigas doentes.

Muhamar, por sua vez, dava aulas, tocava viola e batucava com as crianças nas rodas de brincadeiras. Tingia panos e escrevia notícias para o Comissariado. Nas noites de folga, reunia-se com a amiga para trocar as experiências vividas entre um encontro e outro.

– Estou sendo transferido para o campo de Kisesa – disse para Zamia, com um pouco de vergonha. – Vou ajudar a construir casas de argila e telhado de folhas de palmeiras.

– Onde é isso? – perguntou a moça.

– No Zaire, vamos transferir muitos dos nossos para lá, numa área de floresta tropical, com água e muitos animais. Mas a transferência deve ser feita com cuidado, para não provocar ocupação desordenada e em massa e a conseqüente destruição do lugar.

– Como pode deixar as crianças do orfanato sem escola? – indagou Zamia disfarçando a tristeza.

– Estou deixando Kabil em meu lugar, ele já está bem preparado e pode ainda treinar Manula para ser sua ajudante.

– Vou sentir sua falta – disse a moça em voz baixa. – Não tenho ninguém e será muito difícil ficar sozinha.

– Vai ser criado um hospital em Kisesa. Veja se consegue ser indicada para ir comigo.

– Ela já foi indicada – respondeu uma voz que chegava. Era Marianne, uma médica holandesa que ensinara tudo o que Zamia sabia.

– Como assim, não estou sabendo de nada! – disse a garota, assustada.

– Não podemos separar vocês dois. São muito importantes para a reconstrução do país. Depois, vamos precisar de ambos no projeto de criação de agrovilas.

Marianne afastou-se sorrindo e pôde ainda ouvir a voz de Muhamar.

– Está vendo? Já está começando um novo modo de viver neste planeta, e nós somos os primeiros desse novo lugar. Beijou a testa da amiga e a acompanhou até seu alojamento para ajudá-la a recolher os poucos objetos que possuía.

FOTO Reabilitação das vítimas das guerras e dos mutilados por minas. Campo de Lar do Cangalo, Angola, 1997.

MAPA n. 6 Refugiados no continente africano: sudaneses, ruandeses, moçambicanos e angolanos.

LIVROS MESGRAVIS, Laima. *A colonização da África e da Ásia. A expansão do imperialismo europeu no século XIX*. São Paulo: Atual, 1998 (Col. História Geral em Documentos) . OLIVIER, Roland. *A experiência africana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994 . RODNEY, Walter. *Como a Europa subdesenvolveu a África*. Lisboa: Seara Nova, 1975 . SERRANO, Carlos M. Henriques e MUNANGA, Kabengele. *A revolta dos colonizados: o processo de descolonização e as independências da África e da Ásia*. São Paulo: Atual, 1995 . WODDIS, Jack. *África: raízes da revolta*. Rio de Janeiro: Zahar, s.d.

FILME *Um grito de liberdade* (1987, Richard Attenborough).

BURUNDI

Quando a Alemanha foi derrotada na Primeira Guerra, a Bélgica apossou-se da colônia e separou Ruanda de Burundi, que foi anexado ao Zaire. Os belgas optaram por um sistema de administração indireta, apoiado nas oligarquias tutsis. Esse processo acabou alimentando algumas manifestações nacionalistas que, na década de 1950, culminaram na estruturação do Partido da Unidade e do Progresso Nacional (Uprona), dirigido por Louis Rwagasore, que chegou a ser indicado primeiro-ministro em 1960. Temendo sua liderança, pela semelhança de seu carisma com o de Patrice Lumumba, do Zaire (hoje República Democrática do Congo), conseguiram assassiná-lo, alguns meses antes da independência. Em 1º de julho de 1962, ocorreu a independência, passando o governo a ser exercido por uma monarquia tutsi, articulada com os belgas.

A violência cresceu muito nos primeiros quatro anos dessa monarquia, tendo havido troca de primeiro-ministro por cinco vezes. Em 1966, um dos primeiros-ministros, Michael Micombeiro, por meio de um golpe de Estado, proclamou a República, expurgou em massa os funcionários hutus, promovendo até 1971 sistemático massacre dessa população com a morte de 350 mil pessoas e o exílio de aproximadamente 70 mil.

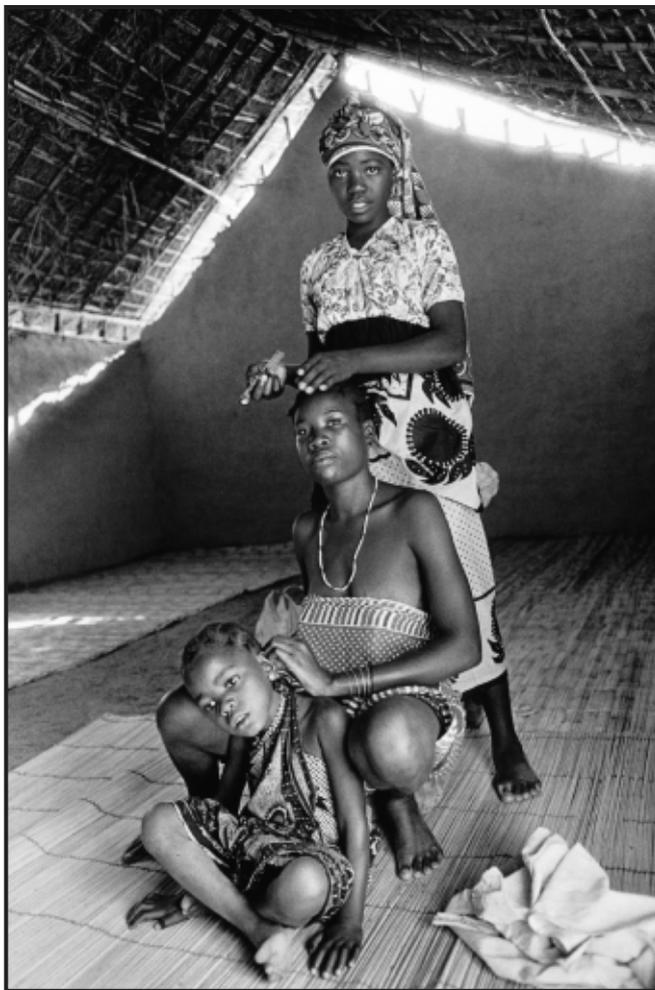
Em 1976, Jean Baptiste tomou o poder, prometendo o fim dos conflitos étnicos e a implantação de reformas democráticas. Democratizou o Uprona, distribuiu terras, legalizou os sindicatos. No plano externo, aproximou-se da Tanzânia e recebeu ajuda chinesa para explorar suas jazidas minerais. Em 1979, no primeiro congresso do Uprona, foi elaborada a nova Constituição, que entrou em vigor em 1981. Em 1988, hutus e tutsis voltaram à guerra, levando 60 mil hutus a se refugiarem em Ruanda.

Em 1989, retornaram ao país, depois que o cargo de primeiro-ministro fora entregue a Adrien Sibomana. O governo militar reconciliou-se com a Igreja católica, devolveu bens expropriados, privatizou empresas públicas e criou um Tribunal de Contas. Em 1992, promulgou uma nova Constituição pluripartidária e convocou eleições para 1993. Os tutsis foram derrotados pelos hutus, que elegeram Melchior Ndadaye, da Frente para a Democracia do Burundi (Frodebu), com maioria hutu. Três meses depois de eleito, o presidente foi assassinado por um golpe que acabou fracassando. A primeira-ministra Sylvie Kinigi, asilada na Embaixada da França, manteve o controle do país. Os líderes fugiram ou foram presos, subindo ao poder o hutu Cyprien Ntaryamira.

Os partidários do presidente assassinado atacaram os membros do Uprona, provocando a morte de dezenas de milhares de pessoas e o êxodo de 600 mil. Nesse processo consolidam-se milícias armadas extremistas, responsáveis não só pelo acirramento da violência, como pelo atentado que matou o presidente do Burundi e o de Ruanda.

Em 1995, o Uprona abandonou o governo, numa manobra para forçar a renúncia do primeiro-ministro, retornando ao poder quando alcançou seu intento. Em 1997, o observador especial da ONU, Paulo Sérgio Pinheiro, declarou que a sanção internacional estava provocando maiores dificuldades para a população do país e pediu a suspensão do embargo.

*Contrastes e confrontos:
refugiados de Angola e retorno a Moçambique*



Ana chegou a Cabinda no último vôo da noite. Ela fazia parte de uma equipe do *Comitê de Ação Contra a Fome*. Fora encarregada de avaliar a situação dos angolanos deslocados pela guerra, especialmente depois da notícia divulgada pelas agências internacionais, sobre a impossibilidade do plantio de alimentos no território minado.

- Ao ser recebida no aeroporto, por um enviado do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, Ana percebeu que estava diante de um grave problema. Júlio Velasquez, advogado espanhol, estudava a questão africana havia três anos e foi explicando o caso, enquanto seguiam rumo à saída. Relatava à moça alguns aspectos da questão angolana.
- Angola, a mais rica região da África, está à mercê de um novo conflito militar. A guerra civil deflagrada deve-se aos interesses dos grupos ligados ao presidente José Eduardo dos Santos e Jonas Savimbi, da União Nacional para Independência Total de Angola, a Unita. Essas disputas têm colocado a população em perigo – afirmou o comissário. – As fugas criaram um tipo especial de refugiados.
 - Por quê? – perguntou Ana, curiosa.
 - Por serem refugiados no próprio país – respondeu. – A população passou a se instalar nos lugares públicos como escolas, museus, cinemas, trens etc.
 - Como você explica essa guerra? – interessou-se a moça.
 - Aparentemente, trata-se de uma pendência entre a Unita, apoiada pela África do Sul, contra os líderes das lutas pela libertação nacional que receberam apoio soviético por intermédio de Cuba. A Guerra Fria esquentou a política angolana e agora a situação está fervendo – afirmou.
 - Este povo tem uma brava resistência – disse a moça a um repórter do *New York Times* que os acompanhava.
 - Por quê? – perguntou o rapaz, um jovem americano formado na Universidade de Yale que iniciava um trabalho sobre os refugiados do mundo.

- As disputas sobre o território decorrem de dois fatores principais – disse o advogado.
 - Quais são eles? – inquiriu o jovem repórter, atento.
 - As reservas de petróleo e de diamantes deste lugar, tão cobiçadas pelos grupos internos e por interesses internacionais.
 - Você considera que a guerra está sendo forjada pelos interesses dos Estados Unidos e da ex-União Soviética? – perguntou Ana, como se não estivesse interessada.
 - Não diretamente, mas há certa relação entre as disputas regionais africanas que foram estimuladas por esses interesses. Além do ouro, dos diamantes e do petróleo, havia também a geopolítica entre americanos e soviéticos e os governos que disputavam o controle da África Austral. Agora, com a crise do Leste Europeu, vamos saber quanto os interesses por riquezas estiveram afinados aos das disputas entre os blocos – ponderou o homem, dirigindo-se ao carro que os aguardava.
 - Neste momento, as conseqüências da guerra são terríveis – disse Ana. – Uma geração inteira de mutilados sobrou depois do cessar-fogo. O Lar do Cangalo reúne um número incrível deles.
 - É nesse campo que os brasileiros atuam? – perguntou o jornalista.
 - É – disse a moça, – eles fazem parte das Forças de Paz enviadas pelas Nações Unidas, especialmente porque falam português e podem, de modo mais simples, desvendar os problemas, os perigos e ajudar na recuperação física dos feridos.
 - Parece incrível, mas essa guerra está desenvolvendo a ortopedia mundial e fomentando um impulso industrial dos produtos dessa área. Conheci um ruandense que se ressentia com essa contradição.
 - Temos de impedir que novas estratégias militares possam piorar ainda mais a vida dessas pessoas.
 - É preciso que se formule um código internacional no âmbito das Nações Unidas, proibindo o uso de minas, como arma de guerra, uma vez que a população civil é a mais atingida – afirmou a moça, ao desembarcarem no campo.
 - Essa forma de combate é impossível de ser controlada. As minas são plantadas por helicópteros. Além de muito baratas, enriquecem os fabricantes que venderam enorme quantidade. Pode-se dizer que há uma mina para cada habitante de Angola.
 - Quanto custa desativá-las? – perguntou o rapaz.
 - De trezentos a mil dólares cada uma, e ativar, de três a dez dólares. Foi um negócio altamente lucrativo. Entretanto, se levarmos em consideração o custo para recuperar uma geração de jovens e crianças atingidos, os valores são muito maiores.
- O jornalista estava muito impressionado com o cenário que se apresentava no caminho do aeroporto para o campo principal. Montanhas de corpos, pessoas dormindo em

barracos de plástico, olhos esbugalhados em rostos magros nos quais se podiam observar todos os ossos.

O ar carregado com um odor insuportável revirava seu estômago, provocando-lhe náuseas. Ana discorria sobre tudo, mas ele não ouvia uma única palavra do que lhe era dito. Quando se aproximaram do acampamento, o rapaz sentiu um ímpeto de desistir do trabalho. A multidão se confundia com a terra seca, e no escuro parecia que a terra se movia e gemia de dor e sofrimento.

Um suor gelado corria em sua coluna vertebral e a palidez tomou conta de seu rosto. Ana observou o sofrimento do homem e tirou do bolso uma pequena lata com uma pomada à base de cânfora. Entregou-a a ele, orientando para que massageasse as têmporas e os pulsos e a aspirasse com força.

- Será que a África está destinada à tragédia? – considerou o rapaz sentindo grande alívio.
- Não – afirmou Ana, – esses dilemas e tragédias são estimulados por potências externas. Além disso, o sofrimento das pessoas tem gerado uma consciência mundial sobre os direitos humanos. Veja o que está acontecendo em Moçambique. Os refugiados estão retornando ao país com uma esperança renovada de reencontrar seus parentes, amigos e suas casas. Sabem o que significa estar sem um chão e sem um lugar. A memória do exílio poderá criar um novo modo de viver.

Ele havia acompanhando o retorno dos grupos de refugiados de Moçambique e passou a descrever para ela o novo estado de ânimo na volta ao país:

- Em todos os campos os moçambicanos se movem com muita determinação para reconstruir o país. Em Mbamba Bay, eles procuravam vestir a melhor roupa, arrumar os cabelos e reencontrar os parentes e amigos com o ar de alegria do retorno ao chão da pátria. As viagens de volta são extremamente longínquas, chegando a atingir mais de 1.200 quilômetros. Mesmo assim, eles seguem com determinação em grupos ou individualmente, cantando canções que relembram os dias de paz – afirmou o jornalista.
- Imagine você que muitos vão do lago Maluí para Maputo! – comentou Ana, que lera sobre o assunto no vôo para Angola.

Ana pensava que seria muito importante levar para os angolanos as informações sobre a paz em Moçambique, uma vez que a Unita, que dominava a maior parte do território, não tinha conseguido legitimar-se perante a população. Eram mais de 80% de angolanos em menos de 10% de território. Algo deveria ser feito e somente o povo de Angola poderia acabar com a desigualdade estabelecida pela guerra.

FOTO Refugiadas se preparam para voltar a Moçambique. Campo de trânsito de Mbamba Bay, Tanzânia, 1994.

MAPA n. 6 Refugiados no continente africano: sudaneses, ruandeses, moçambicanos e angolanos.

LIVROS FREITAS, Amadeu José de. *Angola, o longo caminho da liberdade*. Lisboa: Moraes Editores, 1975 . MACEDO, José de. *Autonomia de Angola*. Lisboa: Centro de Sócio-Economia/Instituto de Investigação Científica Tropical, 1988 . MACHEL, Samora. *A nossa luta*. 2. ed. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique, 1975 . MONDLANE, Eduardo. *Lutar por Moçambique*. 3. ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa/Editora Terceiro Mundo, 1977.

FILMES *Zulu* (1964, Cy Endfield) . *Uma aventura na África* (1951, John Huston).

MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO NAS EX-COLÔNIAS PORTUGUESAS

ANGOLA

Em 1956, os angolanos fundaram o Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), de uma fusão de pequenas organizações nacionalistas. Seu objetivo era convencer o governo português a aceitar o direito dos angolanos à independência.

Em 4 de fevereiro de 1961, um grupo do MPLA tomou de assalto algumas prisões e edifícios públicos em Luanda e iniciou o processo de lutas contra o colonialismo. Em 1962, foram criadas a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), dirigida por Holden Roberto, a Frente de Libertação de Cabinda (FLEC) e a União Nacional para a Libertação Total de Angola (Unita), liderada por Jonas Savimbi.

Essas organizações indicavam a existência de diferentes grupos políticos e projetos para a emancipação angolana. Em 1964, o presidente Agostinho Neto reuniu as lideranças dos diversos grupos e definiu a estratégia para uma guerra popular prolongada. Havia um clima internacional favorável aos guerrilheiros e pouca probabilidade de vitória do exército colonial. A crise econômica em Portugal e também os problemas internos que sofria a ditadura salazarista já indicavam novas possibilidades políticas, tanto para a metrópole colonial, como para os projetos de libertação nacional.

Em 25 de abril de 1974, uma insurreição militar em Portugal, denominada Revolução dos Cravos, reconheceu o direito dos povos africanos a sua autodeterminação, convidando o MPLA, a Unita e a FNLA a participar de um governo de transição, conforme foi definido no Acordo de Alvor de 1975. Entretanto, como havia muita divergência política e ideológica entre os grupos, os acordos não foram cumpridos. A FNLA recebia apoio do Zaire e dos Estados Unidos; a Unita era claramente apoiada pelo regime do *apartheid* da África do Sul e pelos colonos portugueses; enquanto o MPLA ligava-se ideologicamente aos países socialistas.

Em Luanda, os adversários do MPLA foram criando muitos obstáculos ao controle da capital, ao mesmo tempo que o Zaire invadia Angola pelo norte, enquanto a Unita e a África do Sul ocupavam o país pelo sul. A expulsão dos portugueses e da Unita se fez pela ação do MPLA, com a independência de Luanda e no ano seguinte de toda a Angola. A vitória se deu pelo apoio das tropas cubanas enviadas por Fidel Castro. Finda a guerra, o governo começou a recuperar todos os centros produtivos e a organizar a mão-de-obra, que precisava de alfabetização e de preparação profissional. Desenvolveu-se assim um amplo setor estatal capaz de promover o desenvolvimento, com a nacionalização do setor bancário e energético.

Em 1977, Nito Alves, da facção trotskista Revolta Ativa do MPLA, tentou tomar o poder, sem contudo obter bom termo no processo. Em 1978, o MPLA realizou seu congresso, definindo-se como marxista-leninista, e modificou seu nome para MPLA – Partido do Trabalho. O bloco do poder sofreu uma perda em 1979, com a morte de Agostinho Neto, substituído por José Eduardo dos Santos. Em 1981, os sul-africanos tentaram avançar sobre a província do Cunene, sob a alegação de estar combatendo a Swapo e a Namíbia. No entanto, pretendiam entregar o poder à Unita e criar uma zona liberada. Em 1988, o governo de Pretoria foi obrigado a iniciar negociações com Angola, África do Sul e Cuba (Acordo Tripartite), assinado em Nova York, pondo fim ao conflito.

No ano de 1991, foi firmado um acordo entre o MPLA e a Unita, mediado pelos Estados Unidos, a URSS e as forças da ONU. Com esse acordo, foram convocadas as eleições em 1992, tendo o MPLA obtido maioria dos votos. Entretanto, a Unita não se reconheceu derrotada e tomou em armas. Foram firmados acordos em 1993, mas não colocados em prática até 1995. Em 1997, organizou-se um Governo de Unidade Nacional e Reconciliação. Em 1998, a Unita perdeu o apoio de Mobuto Sese Seko, do Zaire, ficando mais debilitada. O território minado, a ausência de desenvolvimento econômico e a existência de mais de um milhão e meio de refugiados internos provocaram a criação de um setor contrário ao belicismo de Savimbi, estruturada na Unita-Renovada. Mas, em março de 1999, reiniciou-se a guerra, com o deslocamento de enormes contingentes populacionais, incluindo os capacetes azuis da ONU.

MOÇAMBIQUE

Em 1960, um massacre de uma comunidade pacífica em Mueba convenceu os moçambicanos da necessidade de lutar pela independência. Em 1961, Eduardo Mondlane, funcionário da ONU, retornou a Moçambique e iniciou as mobilizações em torno da libertação nacional. Em 1963, conseguiu reunir na Tanzânia vários grupos e formou a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), que iniciou a guerra em 1963, conquistando algumas

regiões no ano seguinte, e, em 1969, detinha o controle sobre um quinto do país. Nesse ano, as forças do próprio colonialismo português conseguiram eliminar Mondlane, e os conflitos internos na Frelimo começaram a se intensificar. Em 1974, ocorreu a Revolução dos Cravos em Portugal e, em 1975, Moçambique tornou-se independente, tendo eleito Samora Machel. Em 1977, a Frelimo optou por um programa socialista e, em 1980, apoiou a independência do Zimbábue.

Os problemas agravaram-se com os conflitos entre os interesses do país e os da África do Sul. Pretoria acabou invadindo o território de Matola, em Maputo, e, em 1981, apoiou a Resistência Nacional de Moçambique (Renamo), organização formada por salazaristas e mercenários. Por meio de um conjunto de ações terroristas, a África do Sul atacava os campos de refugiados anti-racistas residentes em Moçambique, ao passo que a Renamo dirigiu suas ações especialmente para o confronto com a população rural nas aldeias comunais.

Em fins de 1982, o governo empreendeu ampla repressão ao mercado clandestino e lançou ofensiva militar contra a Renamo. No ano seguinte, um extenso programa de reformas econômicas começou a ser implementado, com ênfase em projetos de vilas e granjas, para atender, por financiamentos, os pequenos setores comunitários, dando-lhes viabilidade econômica. No Quarto Congresso da Frelimo, houve grande esforço no sentido de atrair as bases sociais na discussão das quatro teses centrais. A principal delas foi a oposição às grandes fazendas estatais, consideradas responsáveis pela excessiva centralização e burocratização do poder. O número de camponeses foi significativo nesse Congresso e a presença das mulheres dobrou em relação ao terceiro.

As ações terroristas da Renamo e a seca de 1985 provocaram uma redução de 70% na produção agrícola, aumentando ainda mais a miséria existente. Samora Machel denunciou a ajuda constante da África do Sul à Renamo e procurou articular um acordo entre os países envolvidos nos conflitos: Zâmbia, ex-Zaire, Angola e Moçambique. Em 1986, quando voltava de uma reunião para esse fim na Zâmbia, morreu num acidente aéreo, pouco esclarecido. Foi eleito para seu lugar Joaquim Chissano, ministro das Relações Exteriores. Também em Moçambique no ano de 1989 iniciaram-se reformas rumo a uma economia mista, compondo com a base estatizada alguns campos privados, especialmente em consequência da crise do bloco soviético e da necessidade de adequação às pressões internacionais ligadas ao FMI. Em 1990, as negociações de paz entre Maputo e Renamo apresentaram novas hipóteses de solução, principalmente pelas mudanças constitucionais e pelo sistema pluripartidário. Em 1991, em Roma, as duas partes assinaram um protocolo com vistas a um acordo de paz.

Em 1992, Chissano foi reeleito já no sistema pluripartidário, assinando com Afonso Dhlakama um acordo de paz que pôs fim a dezesseis anos de conflitos, que causaram mais de um milhão de mortos e 5 milhões de refugiados. Os dois lados deveriam entregar

as armas para as Forças de Paz da ONU em seis meses. As tropas do Zimbábue, que controlavam os corredores ligando seu país aos portos de Moçambique, seriam retiradas e o exército nacional deveria conter também parte dos guerrilheiros da Renamo. Em 1995, houve tensão nas negociações de paz, quando Dhlakama exigiu o controle governamental de cinco das dez províncias do país. Convencido a participar das eleições, o líder da Renamo sofreu ampla derrota no pleito de 1995 e aceitou colaborar com a paz.

No mesmo ano, o Clube de Paris aceitou conceder um auxílio de 780 milhões de dólares para a reconstrução do país. Chissano e a província de Mandela firmaram um acordo para instalar milhares de agricultores sul-africanos de origem européia numa área de 200 mil hectares, mas a oposição dificultou o processo. Em 1998, a Renamo e os partidos de oposição boicotaram o pleito municipal alegando falta de fundos para a campanha, deixando a Frelimo concorrer sozinha.



Iniká Marina estava parada sobre a ponte do rio Solimões. Olhava as águas turvas e sentia falta dos peixes que nessa época desovavam num movimento de recriação da vida. Ela também não pretendia recriar a vida. Estava febril. Desde que encontrara os brancos no novo ponto de pouso de aviões, sentira que o mal tomara conta de seu corpo. Sabia que os brancos traziam doenças. Já vira muitas mortes por malária, tuberculose.

Akükã Antônio, seu parente que viera visitar, dizia que os brancos queriam derrubar o chão. Não tinha entendido o significado até encontrar, em uma de suas perambulações, a terra deflorada. Sem mato, toda revolta, esburacada e sem vida.

Os que chegavam queriam o ouro e a cassiterita, diziam os guardas-florestais. Eram homens pobres, doentes e também sofriam com os donos das madeiras ou das mineradoras.

Como podiam derrubar toda a floresta?, perguntava-se a moça com tristeza. Aprendera que esses brancos eram garimpeiros. Eles chegavam depois dos madeiros que cortavam as árvores. As toras eram jogadas rio abaixo e recolhidas por caminhões que ficavam próximos às rodovias. Os peixes também sofriam muito.

Marina gostava do silêncio das matas. Conhecia seus sinais, como o grito dos macacos, o canto das cotovias, o choro das cachoeiras e, especialmente, o pio das corujas que avisavam quando o vento e os espíritos da floresta estavam zangados.

Tinha parentes espalhados por muitas comunidades. Visitavam uns aos outros, animavam os espíritos do mato e recebiam deles as mensagens para as festas. Muitas vezes teve medo dos outros moradores da mata. Chamavam-nos de seringueiros. Faziam a árvore chorar um leite branco que colhiam nas cuias amarradas nos troncos das árvores. Ficaram unidos, nativos e seringueiros, depois que muitos brancos penetraram na serra dos Surucucus em busca de cassiterita.

A presença desses brancos provocou muita dor e destruição para os povos da floresta. Eles foram roubados e violados. Marina perdeu muitos parentes.

- O que pensa aí olhando o rio há tanto tempo? – perguntou o chefe, que a observava preocupado.
- Na morte do rio. Não é certo o rio morrer. Com ele morrem os peixes, a floresta e nosso povo – afirmou a moça.
- Os brancos querem nosso chão e nosso rio. Isso não pode acontecer, pois estamos morrendo depressa – respondeu o homem.
- Nem todos os brancos querem isso – afirmou a moça. – Lembra dos seringueiros? Eles se juntaram a nós e expulsaram os madeireiros.
- Esse era especial. Chico Mendes era parte do povo da floresta.
- Existe gente que pode fazer o governo defender nossas terras. Mas não os militares que cuidam da fronteira. Nem sabem que temos parentes em todas essas partes.
- Foi o governo que encomendou pesquisa do Radambrasil. Depois dela as disputas sobre nosso território aumentaram. Mesmo com as leis e a Funai ninguém nos respeita. Pensam que somos vagabundos.
- Não deve dizer isso, Iniká. Os agentes da Funai podem pensar que é contra eles.
- Você acredita em defesa da Funai? – perguntou a moça, desconfiada.
- Não, mas sem os medicamentos dos brancos, você vai morrer depressa. Nossas ervas de cura não nascem mais e nossos alimentos estão contaminados com o mercúrio, como as águas do rio.
- Como vamos sobreviver sem a floresta? Nem o branco vai sobrar!
- Iaxuí Waldir Yekuana, da serra Curupira, quer reunir todos os povoados para impedir o homem branco de abrir caminho para a doença, a pobreza e a morte.
- Deve então agir rápido, Akükã Antônio, e usar o agente da Funai para falar com governo em nome dos Ianomami.
- A lei dos brancos diz que o índio tem de ser protegido e que as terras de índios não podem ser vendidas.
- Tudo o que o branco faz destrói o modo de vida dos Ianomami. Não existe mais perambulação e os alimentos que colhíamos na floresta estão desaparecendo. Não há mais artesanato de fibra de palmeira. Agora usamos até plástico na aldeia. Parece bom, mas o modo de viver de nosso povo é integrado com a natureza. Sem a terra para caminharmos, caçarmos, sem o rio para nos banharmos e pescarmos, sem o espírito da floresta para nos proteger, desaparecemos. As crianças não nascem e os peixes somem.
- Nossa união é urgente! Não podemos deixar que as aldeias se separem – afirmou o chefe.
- Um jeito é contar nossa história para os brancos, contar como se formou o mundo, como o espírito da floresta nos ensina, como os pequenos aprendem.

- Também precisamos aprender a história dos brancos, saber o bem que a floresta faz para todo o povo e ensinar a criança branca como viver em conjunto com a natureza.
- Existe Ianomami aprendendo com branco a roubar e a matar, trabalhando, cortando árvores. Uns também usam o rio para transportar a madeira e até existem aqueles que desejam o ouro de nosso chão.
- Esse não é mais Ianomami. Deve sair da aldeia e ir para cidade. Nosso povo sem aldeia morre, não pode ser sozinho.
- Iniká, você sabe que a terra é tudo, é nossa vida, é nosso ar.
- Akükã, você pensa que vamos sobreviver? Será que o branco vai entender quanto vale a vida na terra?
Ele respondeu que muitos brancos sem terra estão lutando para impedir que tudo seja destruído.
- Muito branco pode se juntar a nós para salvar a mata, os animais e os povos da floresta, para que o branco também possa viver feliz!
Iniká Marina molhou a mão nas águas do rio e pensou que para ela era muito tarde.

FOTO Parte interna de uma maloca. Serra dos Surucucus, Roraima, Brasil, 1998.

MAPA n. 7 Assentamentos rurais no Brasil.

LIVROS ADASSI, V. et al. *Ser índio hoje*. São Paulo: Loyola, 1997 . CUNHA, M. Carneiro da. *Os direitos do índio*. São Paulo: Brasiliense, 1987 . GOMES, M. P. *Os índios e o Brasil. Ensaio sobre um holocausto e uma nova possibilidade de convivência*. Petrópolis: Vozes, 1988 . IOKOI, Zilda M. G. *O Brasil atual e a mundialização*. São Paulo: Loyola, 1997 . RIBEIRO, Darcy. *Diários índios – Os urubus-kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 . SILVA, Aracy Lopes da e GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. *A temática indígena na escola – novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MAR/Unesco, 1995.

FILMES *Xingu* (1985, Washington Novaes) . *Índios do Brasil* (1995, Sylvio Bach) . *Terra de índios* (1980, Zelitino Viana).

PROJETOS MILITARES NA AMAZÔNIA

As reservas indígenas estão, hoje, localizadas majoritariamente na Amazônia Legal, sofrendo os impactos dos grandes projetos de integração articulados pelos governos militares. As conseqüências ao meio ambiente são atestadas tanto nos resultados da mineração

desenfreada, como na destruição dos grupos indígenas, cujo exemplo mais candente é o dos Ianomami.

PROJETO JARI

O projeto foi disputado pelo governo brasileiro com a Nigéria, por intermédio dos empresários Augusto Trajano de Azevedo Antunes e Daniel Keith Ludwig. A disputa era justificada pelo general Golberi do Couto e Silva, com o lema *integrar para não entregar*. Pretendia-se montar um grande complexo industrial às margens do rio Jari, no Amapá, mas o projeto serviu apenas para a exploração predatória da floresta. Ludwig apropriou-se de 1,2 milhão hectares de terras e, só no ano de 1967, foram desmatados 8 mil hectares de floresta, que deveriam ser posteriormente reflorestadas, meta prevista para vinte anos, quando 160 mil hectares deveriam ter sido transformados em floresta de gmelina, espécie asiática que poderia substituir o pinho-do-paraná.

GARIMPO DE SERRA PELADA

Localiza-se em Marabá, ao sul do Pará, com uma área de 90 quilômetros de extensão. Desde 1979, os boatos sobre o ouro atraíram milhares de pessoas que, armadas com pás e picaretas, dirigiram-se para o local, criando um episódio dantesco, muito documentado pela imprensa. Uma serra de densa floresta foi colocada abaixo por uma população de garimpeiros constituída por 80 a 100 mil pessoas. Foi um garimpo controlado pelo governo, que encarregou o major Sebastião Rodrigues de Moura (major Curió) como comandante da área. Em seu período mais próspero, por volta de 1983, produzia uma tonelada de ouro por mês.

As doenças, o desmatamento, a exploração dos comerciantes e das madeiras permitiram a ampliação da deterioração ambiental, a contaminação das águas e a morte de vastos contingentes da fauna local.

Também por intermédio da ONU, o Brasil foi condenado no Tribunal dos Povos pela devastação da Amazônia e por omissão no genocídio decorrente desse processo. Dos 100 mil Ianomami existentes no início dos anos 1960, hoje o grupo é composto por 9 mil pessoas em lamentável estado de debilidade física e social, à beira de um colapso irreversível.

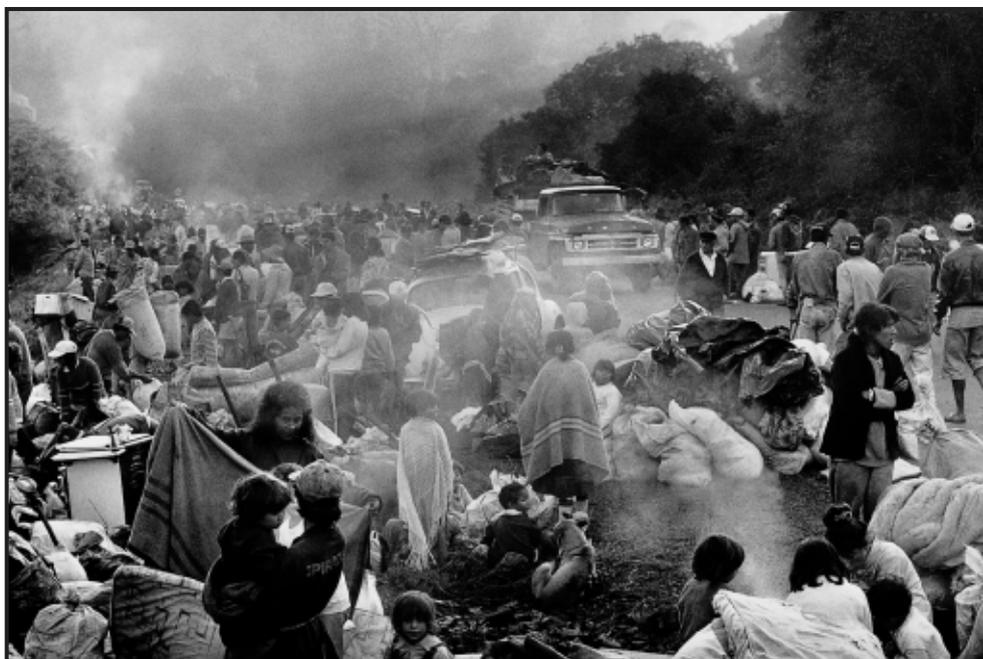
LIDERANÇAS INDÍGENAS

As lutas em defesa dos povos indígenas foram assumidas na década de 1980 por seus líderes que, apoiados por inúmeros mediadores, passaram a se destacar em diferentes esferas da cena pública. Mário Juruna (Xavante) foi eleito deputado federal e, com seu grava-

do, registrava tanto as denúncias dos problemas indígenas, como as promessas de políticos e de dirigentes da Fundação Nacional do Índio (Funai). Ailton (Krenak) pintou-se de preto, em pleno Congresso Nacional Constituinte, para defender as terras e a cultura indígenas ameaçadas.

Deve-se ainda destacar nesse processo a figura de Raoni Metuktire, Txucarramãe (Kapyapó), e de Marcos Terena, que participaram de amplos movimentos em defesa da autonomia dos territórios indígenas.

As lideranças ganharam legitimidade, especialmente depois da criação, em 1972, do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), e passaram a contar com sua auto-organização, como a União das Nações Indígenas e as assembleias entre eles e os seringueiros, constituindo a União dos Povos da Floresta. Como consequência da idéia de reservas indígenas definidas pela Funai, os seringueiros desenvolveram a estratégia de reivindicar as reservas extrativistas e desse modo reunir em autodefesa os vários grupos de moradores da floresta. Pelos *empates de derrubada*, seringueiros com suas mulheres, filhos e nativos cercavam as árvores que seriam cortadas pelas motosserras, salvando a área e passando a exigir do governo transformação do lugar em reserva extrativista. Na década de 1990, as reservas já atingiam 32 áreas de extração do látex, demonstrando uma consciência decorrente da ação de Chico Mendes, um dos líderes dos seringueiros que acabou sendo violentamente assassinado em sua casa no município de Xapuri, no Acre.



Rose estava encolhida numa manta xadrez colorida com a cuia de chimarrão presa entre as mãos frias. Olhava em volta e lembrava dos momentos iniciais das lutas pela terra.

Os meninos estavam brincando em volta do fogo e os amigos Rodolfo e Mena tocavam sanfona e viola. Era uma sensação de paz que não sentia havia muito tempo. Desde as lutas na Encruzilhada do Natalino, quando enfrentaram a repressão comandada pelo major Curió, muita coisa havia mudado em seu modo de entender e valorizar a vida. Sabia que em outros lugares muitas pessoas lutavam como ela e seu marido. Isso lhe dava muita coragem. Em Chiapas e no Vale Sagrado dos Incas, muitos camponeses estavam vencendo a exclusão pela união de todos numa mesma causa: estavam juntos produtores rurais, camponeses e pequenos proprietários, organizados em cooperativas e unidos pela fé. Para ela, a Igreja tinha sido uma grande aliada. Desde o final da década de 70, os padres e agentes pastorais começaram a falar num novo espírito de lutas que uniu camponeses, nativos e posseiros com suas formas particulares de viver num sentido comum. Para eles, Cristo, exemplo de amor e fé, tinha sido pobre e lutado contra as injustiças e a opressão em seu tempo.

Assim, passaram a entender o que o padre dizia: o Reino de Deus deveria começar aqui na terra e, para que isso ocorresse, todos deveriam colaborar, lutando pela justiça e desenvolvendo um espírito humanista em consonância com Seus desígnios.

- João, você sabia que o verdadeiro sentimento cristão é aquele que se volta contra os exploradores? – perguntou Rose ao marido, que estava distraído.
- Do que você está falando, mulher?
- Do sermão do padre Fritzen. Ele contou que os camponeses do Peru conseguiram tomar as terras dos latifundiários no Vale Sagrado. É uma pequena área próxima ao rio Urubamba, que deságua no Amazonas. Nessa região, as comunidades e as cooperativas produzem o trigo e o milho que abastecem todos os camponeses e suas famílias, e o que sobra é vendido.

- Os camponeses peruanos estão lutando há muito tempo – disse o marido. – Eles já lutavam contra os espanhóis que os expulsaram das terras. Conheci Hugo Blanco, um líder socialista que dirigiu o movimento dos sem-terra do Peru, nos idos de 1950.
- Mas naquele tempo a Igreja não pensava assim – disse Rose.
- É verdade, foi depois das reuniões de bispos da América Latina em Medellín e Puebla que a Teologia da Libertação passou a ser difundida.
- Mais que isso, ela foi criada aqui. Lembra das reuniões da igreja, dos movimentos das pastorais?
- Como não lembrar. Foi na igreja que fomos parar quando o governo alagou nossas terras. Ficamos sem terras e sem indenização. Bah! que tempo duro! Os homens chegaram dizendo que as terras da comunidade e as dos Nonoai iam ser alagadas para fazer a barragem Passo Real!

Como essas lembranças abalavam a mulher. Perdera tudo. Os parentes foram para Mato Grosso, Rondônia ou Acre. Muitos morreram de malária. Outros ficaram nas estradas como pedintes. A mãe de Rose não agüentou ser pedinte, sem-terra, e a saudade dos filhos. Morreu de tristeza.

- Agora já podemos contar com muitos outros camaradas que se juntaram ao movimento – disse Rose. – Vamos ficar cada dia mais fortes.

Fátima, a filha de Mena, conhecera um grupo grande de sem-terra que, com apoio da diocese de Passo Fundo e Chapecó, lutou no Natalino e foi ocupar as fazendas Ronda Alta e Nonoai. Aí, com muita organização, tinha nascido um movimento de sem-terra que, pela primeira vez, expandia-se pelo Brasil, coordenado e com muito apoio internacional.

- Fizemos muitas ocupações e com isso os assentamentos rurais têm crescido muito – afirmou alegre.
- Aqui no Sul a luta está mais forte. Mas as de São Paulo e do Nordeste ainda precisam de muita organização para que os assentados sobrevivam das terras – prosseguiu Fátima.
- É certo, mas já temos muito apoio, e isso é importante. Não estamos tão sozinhos. Hoje, nosso movimento é conhecido em diversos países e recebemos recursos de muitas organizações – retrucou João.

Rose tinha muito interesse em saber como os sem-terra de outros países se organizavam. Foi por isso que comemorou com mais alegria o dia 1 de janeiro de 1994. A notícia que se espalhou pelo mundo era muito especial. Em Chiapas, na região mais pobre do México, os camponeses tinham se rebelado contra os proprietários, tomado as terras e iniciado um movimento de resistência que lembrava a Revolução Mexicana.

João queria saber como os camponeses haviam se ligado ao subcomandante Marcos. Fátima contou que, quando se revoltaram, os zapatistas, grupo político constituído pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional, seguiram para a serra de Chiapas e tomaram,

- por meio da guerrilha, algumas municipalidades como Morelia, na região de Las Margaridas. Nessas áreas, as mulheres dirigiam o movimento camponês e não só conseguiram eliminar o alcoolismo, como desenvolver um forte espírito comunitário entre todos.
 - Os zapatistas, como nós, enfrentam as violências dos proprietários, que contratam capangas para assassinar os líderes do movimento – disse Rose.
 - Não apenas lideranças, mas os acampados de áreas devolutas ou de rodovias. O massacre de Eldorado dos Carajás não pode ser esquecido. Foram dezenove assassinados e cinquenta e sete feridos – completou o marido.
 - Dom Pedro Casaldáliga e dom Thomás Balduino, de Conceição do Araguaia e de Goiás Velho, também atuaram de modo muito enérgico perante o governo quando do massacre de Corumbiara, não é Rose?
 - É, João, a luta no Brasil está espalhada por todo o país, mas a violência envolve tanto os capangas como a polícia militar, que age em favor dos coronéis e dos grileiros. Estes, por sua vez, aproveitam-se da impunidade garantida pela omissão da Justiça, da cooperação de parte da polícia e da tolerância do governo – falou a mulher.
 - Isso tende a mudar, minha prenda! Somos muitos denunciando a concentração de terras e de rendas. Somos muitos apoiando as escolas rurais e as cooperativas. Até as populações urbanas estão conosco. Já temos movimento em todos os estados da Federação.
 - Mas, João, de certo modo, os deslocamentos populacionais de sem-terra acabaram formando outro sentimento de solidariedade entre os homens do campo. Isso não aconteceu com a reunião de desempregados urbanos para retornar às terras. Muitos do movimento entendem o que nos uniu, mas, como os desempregados ou subempregados urbanos têm mais dificuldades em lidar com a terra, as pessoas nos acusam de estar apenas formando um grupo político – disse Fátima.
 - Sabe, Rose, o padre Fritzen diz que, se todos os pobres do continente se unirem, teremos um novo Reino de Deus.
 - Ou o dos homens mesmo – ironizou Rose, que considerava Fátima muito carola. – Os pobres do mundo são a maioria. O subcomandante Marcos noticiou o conflito de Chiapas pela Internet e recebeu apoio do mundo todo.
 - Temos de juntar os camponeses da Colômbia, do Equador e da Bolívia e organizar a luta em todos os lugares – disse João.
 - Os pobres das cidades também precisam se organizar – exclamou Fátima.
 - Poucas pessoas muito ricas e a maioria sem nada. Não dá para ser feliz num mundo assim – ponderou Rose.
- Terminou de tomar o mate e olhou o céu estrelado e claro. Mandou uma mensagem para a mãe.

- Mãe – disse em voz baixa, – nossa luta vai ser lembrada por todos os meninos que puderem ser crianças com terra!
- Amém – responderam Fátima e João.

FOTO Ocupação da fazenda Giacometti pelo Movimento Sem-Terra, Paraná, 1996.

MAPA n. 7 Assentamentos rurais no Brasil.

LIVROS FERNANDES, Bernardo Mançano. *MST – Formação e territorialização*. São Paulo: Hucitec, 1996 . LINHARES, Maria Yedda e SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Terra Prometida – Uma história da questão agrária no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1999 . MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. São Paulo: Hucitec, 1986 . _____. *Os camponeses e a política no Brasil*. Petrópolis: Poli/Vozes, 1989 . PRADO JR., Caio. *A questão agrária no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1981 . STÉDILE, J. P. e GORGEN, F. S. *A luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Scritta, 1993.

FILMES *Terra para Rose* (1986, Tete Moraes) . *Canto da Terra* (1991, Paulo Rufino) . *Cabra marcado para morrer* (1984, Eduardo Coutinho).

A LUTA PELA TERRA

O MOVIMENTO SEM-TERRA

Organizado desde 1984, o Movimento Sem-Terra (MST) coordena as lutas de camponeses, trabalhadores rurais, posseiros expulsos, aborígenes que perderam as áreas ocupadas. São homens, mulheres e crianças deserdados da terra e que se movem em busca de espaço territorial onde possam implementar suas atividades produtivas, agregar suas famílias e sobreviver com dignidade. Essas lutas tiveram origem na longa trajetória dos conflitos fundiários no país, que podem ser remontados ao período colonial.

Evidentemente, o sentido da terra como domínio e poder, implementado pela Coroa portuguesa no século XVI, com o sistema de Sesmarias, não é reconhecível hoje, mas ainda as concentrações fundiárias são possíveis por serem elas detentoras de renda fundiária (valorizam-se sem trabalho) e moeda de troca dos coronéis e da política de favor. Portanto, por intermédio do *dominium* sobre a terra, compram-se votos e determina-se poder.

Também pode-se relacionar a essa estrutura a existência da escravidão, de tal forma que, muitas vezes, o tamanho das terras foi determinado pelo número de escravos que tivesse o proprietário. Daí a díade latifúndio-escravidão que marcou, ao longo de quase quatro séculos, a história do país.

O tema da reforma agrária foi desse modo central nas lutas pela transformação do sistema colonial e pela democratização do Brasil, sendo considerada bandeira de conteúdo subversivo e reprimida ao longo desse processo histórico.

Foi, entretanto, a partir da década de 1950, que a questão agrária se tornou um problema central nas lutas sociais, em razão da existência de um movimento de ocupação da terra, pela guerra de guerrilha em Porecatu, no Paraná. Aí, por dez anos, a ocupação foi garantida pelas armas, culminando em 1950, com a titulação das terras a seus ocupantes, como uma verdadeira reforma agrária.

As lutas avançaram e o Partido Comunista Brasileiro enviou seus militantes a outros pontos de conflitos fundiários para ampliar as conquistas das terras. Assim, de 1951 a 1964, camponeses e posseiros organizaram as lutas em Trombas e Formoso, em Goiás. Com autonomia, ocuparam as terras, mas não conseguiram seus títulos, uma vez que foram impedidos de permanecer na área pelo golpe militar de 1964.

Também no período do golpe o Movimento dos Agricultores Sem-Terra (MASTER), que lutava por manter áreas de pequenas e médias propriedades no Rio Grande do Sul, perdeu a força, assim como foi reprimido o Grupo dos Onze, milícias armadas que deveriam implementar as lutas rurais.

O MST, portanto, representa essa memória camponesa, mas nasce em outro quadro político e social. Com o golpe, as lutas mediadas pelos partidos de esquerda entraram em refluxo, e a Igreja católica passou a ser uma mediadora entre os excluídos e o Estado. A alteração nos procedimentos da Igreja com a sensibilização para os problemas sociais e a Teologia da Libertação permitiram um novo pacto que seria decisivo no apoio aos ocupantes da Encruzilhada do Natalino, acampamento que reuniu 1.500 famílias de sem-terra no Rio Grande do Sul, entre Ronda Alta e Passo Fundo, culminando com a organização do MST.

Hoje, presente em todos os estados da Federação, o movimento edita um jornal, uma revista e tem um banco de dados sobre os assentamentos rurais existentes em todo o país. Além disso, produz um conjunto de mercadorias com o selo Sabor da Terra e já pode apresentar os resultados, positivos e negativos, desses quinze anos de lutas.

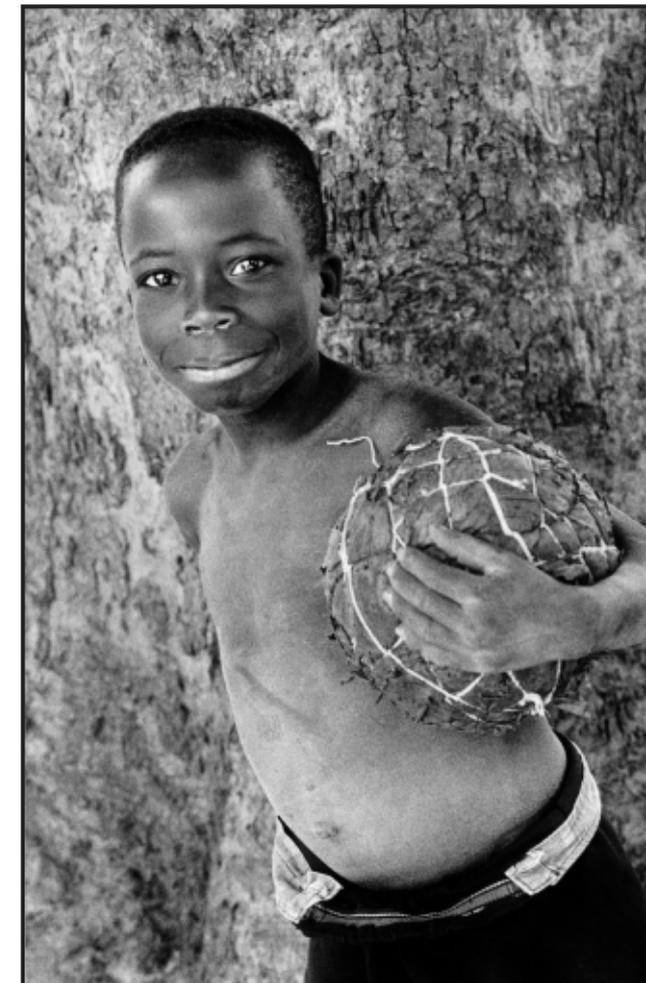
Ao demonstrar os resultados de sua ação, ele possibilita a análise das estratégias das ocupações, articuladas a uma disputa do fundo público (financiamentos de máquinas, sementes e uma política de juros especiais), garantindo a eficácia das relações entre o movimento e o governo. Além disso, os problemas regionais e as diferenças culturais entre os vários grupos sociais que compõem o movimento permitem verificar as múltiplas maneiras de lidar com a questão produtiva, de tal modo que a relação da produção com o mercado e a da agricultura com a indústria aparecem em muitos casos. Mas há muito o que fazer, já que o movimento é uma pequena ponta do grande processo de exclusão existente no Brasil.

Em 1º de janeiro de 1994, eclodiu na serra de Chiapas um movimento de protesto de camponeses que ocupou três povoados no sul do Estado, declarando-os zonas liberadas, e os principais prédios públicos existentes. Imediatamente, o movimento Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), de base comunista, ativo no país desde os anos 40, encaminhou-se a Chiapas e passou a apoiar as lutas camponesas, oferecendo-lhes orientação política e tecnológica, ao mesmo tempo que procurava evitar seu isolamento pelas forças repressoras do governo. A reação se deu pela ação violenta de forças paramilitares contra as comunidades indígenas (grupo Mia, com predominância tzotzil), as que têm menor domínio do espanhol e, desse modo, maior dificuldade em defender suas terras, por desconhecerem os trâmites das leis. A região é rica em petróleo e gás, estando os grupos econômicos articulados ao NAFTA interessados em sua exploração privada contra a população que aí vive. Os rebeldes apresentaram ao governo local uma extensa pauta de reivindicações, entre as quais o ensino bilíngüe, o uso das terras comunais e a aprovação dos habitantes em caso de interesse na exploração do subsolo das terras ocupadas.

A coordenação do movimento foi assumida pelo subcomandante Marcos, membro do EZLN que, através da Internet, comunicou-se com o mundo, recebendo ajuda, apoio e noticiando os acontecimentos de Chiapas, apesar dos mecanismos de controle e da censura governamental.

Os conflitos em Chiapas reinstauraram os elos de solidariedade entre os grupos indígenas e camponeses na América Latina, aproximando seus representantes no Brasil, Peru, Bolívia e México.

Uma bola de esperança



Corre, chuta, pega! Ali, na trave não, não!! pela direita...
– Fora, saiu fora, não pode marcar, já estava impedido.

Os rostos dos meninos estavam brilhando de suor, e os olhos soltavam faíscas de raiva por terem perdido o chute, sem fazer o gol. Marcel, o mais alto, era fanático por jogos de bola e aprendera futebol com soldados brasileiros que atuavam nas Forças de Paz da ONU, em Angola. O menor era chamado Cabindo. Não se sabia se esse era seu nome ou um dos muitos apelidos que os refugiados recebiam nos campos por onde passavam. Ali estavam crianças de Ruanda, Angola e Moçambique. Uns fugidos do recrutamento militar forçado, outros refugiados de guerras, e havia também crianças que fugiam dos maus-tratos ou da superexploração do trabalho infantil.

Esse já era o terceiro campo de refugiados que abrigava Marcel. Ele amava jogar e ler. Qualquer papel que passasse por ele era aproveitado, com volúpia. Ler era seu grande prazer; escrever histórias, notícias, ou mesmo descrever a natureza, era seu sonho de futuro.

Quando seu avô era vivo, contava histórias fantásticas de seus antepassados, que ele repetia aos amigos ou em silêncio para si mesmo, com medo de esquecer os detalhes antes de poder escrever e deixar as histórias para outras pessoas.

Cabindo, Bindo ou Cainho, ao contrário, adorava embrenhar-se pelo mato, em busca de insetos, plantas e bichos. Só saía dessas aventuras para jogar bola. Era muito falante e passava o dia conversando consigo mesmo e rindo sem parar. Tudo era engraçado para ele.

– Droga! – disse Marcel. – Se a bola tivesse entrado, a gente poderia ganhar o pacote de materiais escolares que estava sendo sorteado entre os grupos de alunos do Papai, o monitor do campo – lágrimas surgiram naqueles olhos redondos que pareciam uma enorme cabeça-de-negro, uma frutinha do mato que ele comia toda vez que a encontrava na beira do grande lago.

Cabindo riu e procurou distrair o amigo.

– Agora – disse, – acho melhor você deixar de sonhar em escrever e me acompanhar na

caçada aos escaravelhos. Se vier comigo, vou ensiná-lo a fazer papel com as folhas verdes da mandioca.

– Não dá, estou muito nervoso com tudo o que Kabê fez no jogo. Viu como ele enrolou as fibras de palmeira nos pés para chutar com mais força? Isso não vale! – exclamou.

– Claro que vale, não se lembra do que o João do Brasil disse do sapato usado para jogar? Como se chama? – perguntou Bindo, tentando lembrar as histórias contadas pelo soldado.

– Chuteira – disse Marcel, – com uns pinos na sola para não escorregar no mato molhado. Mas todos do jogo usam. Aqui, ele usou sozinho, ninguém sabia disso.

– Tá certo, no próximo jogo todos vamos usar, para melhorar o time – ponderou conciliando o amigo.

Saíram andando pelo lugar e gingavam o corpo como se estivessem levando uma bola no pé. A tarde já estava terminando e um céu lindo se abria sobre a cabeça dos refugiados pequeninos e grandes. Era um dos momentos em que os islâmicos voltavam-se para Meca para rezar. Muitos estavam ajoelhados beijando a terra sagrada. Outros olhavam o céu e as estrelas cadentes. Marcel não sabia nenhuma reza. Sempre ficava sem jeito quando as orações começavam. Não pertencia a nenhum dos grupos e, às vezes, sentia-se isolado nessas horas. Bindo, ao contrário, conhecia as diferentes rezas e, quando o medo ou o perigo apareciam, rezava para todos os deuses.

– Por que você reza para todos os deuses? – perguntava Nana Flor, sua mais antiga amiga, quando assistia à cena.

– Não sei qual o melhor e, desse modo, aquele que puder ajudar vai fazê-lo, sem constrangimento, só por minhas rezas.

– Mas todos os deuses acham que você é malvado! Você espeta os bichinhos. Arranca suas perninhas e, às vezes, até come todos eles – dissera a menina na última vez.

– Todos não! Só formigas saúvas que têm uma bunda grande. Fritas ou assadas são muito boas – respondera naquela ocasião.

– Não gosto – dissera-lhe Nana Flor. – Só como quando não tem mais nada, mas peço desculpas a elas, enquanto as mastigo. Prefiro algumas plantinhas, que são mais saborosas.

– Elas não têm proteínas e, assim, vamos ficando muito fracos. Nem conseguimos aprender a ler e a rezar – respondia o menino, com um sorriso maroto no canto da boca.

Marcel olhava o amigo, com certo encantamento. Parecia muito corajoso! Olhou-o nos olhos e perguntou:

– Você não tem medo? O que sonha nas noites de chuva, quando grita forte?

– Tenho medo da morte. Quero viver muito e cada vez que chove lembro do campo de Kigali, quando me escondi num grande cano de esgoto e percebi que estava cheio de corpos e de ratos. Só de pensar sinto arrepios. Agüentei toda a noite e fiquei conversando, como se fosse com minha mãe e meu pai. Eles contaram muitas histórias até amanhecer.

– Por isso você fala sozinho!

- Acho que sim. A voz de minha mãe ficou muito forte em meus ouvidos. Quando tenho medo, escuto ela dizer:
- Filhinho, viva! Fique bem! Tudo vai dar certo.
- Vai mesmo – disse Marcel. – Temos de ficar juntos e aprender de tudo. Nossa terra ainda será de paz.
- O pior são as minas. O soldado do Brasil vai nos ensinar como encontrá-las. Se um dia conseguirmos voltar para nossa terra, vamos plantar tantas árvores quantas minas forem encontradas.

Durante duas semanas aguardaram o soldado chegar. Quando avistaram o homem, perceberam que ele estava acompanhado de um grupo de pessoas. Seriam as autoridades da paz? Uma grande esperança tomou conta dos dois.

O soldado João apresentou a eles um fotógrafo e uma jornalista. Ambos pretendiam registrar a dor que estavam sentindo. Mas, quando resolveram mostrar tudo o que existia por ali, Cabindo pensou que seria melhor os lagos, os rios, as plantas e não apenas a morte.

- Nós estamos vivos – disse o menino. – Queremos que você mostre para o mundo que, apesar de tudo, estamos vivos e queremos viver.
- Eu também – disse Marcel. – Mostre às crianças do mundo que ainda existimos e que jogamos futebol com a bola de borracha amarrada com fibras e que seremos ainda campeões da alegria de viver e de possuir um lugar na África.

FOTO Criança angolana deslocada para Cazombo. Província do Alto Zambeze, Angola, 1997.

MAPAS n. 9 A cidade de São Paulo: concentração de cortiços, favelas e auto-construções . **n. 10** Megacidades e populações em movimento no planeta.

LIVROS ALTO Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. *A situação dos refugiados no mundo – 1997/98. Um programa humanitário*. Lisboa, 1998 . HARROFF-TAVEL, Marion. *La acción del Comité Internacional de la Cruz Roja ante las situaciones de violencia interna. Revista Internacional de la Cruz Roja*. Ginebra, 1993 . RESPECT for International humanitarian law. ICRC review of five years of activity (1987-1991). Geneva, 1991 . SWINARSKI, Christophe. *Direito internacional humanitário*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

FILMES *Pixote, a lei do mais fraco* (1980, Héctor Babenco) . *Central do Brasil* (1997, Walter Salles).

TRABALHO INFANTIL

A divulgação do relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) – *Situação Mundial da Infância 2000* – reabre a discussão sobre as causas da miséria que atinge quase

meio bilhão de crianças no mundo todo. O Brasil ocupa posição de destaque negativo nas estatísticas do Unicef, com 21 milhões de brasileiros, com menos de 18 anos de idade, vivendo em lares onde a renda *per capita* é igual ou menor do que meio salário mínimo. As conseqüências desse padrão de renda são conhecidas: 120 mil crianças morrem anualmente antes de completar um ano e, dessas, 57 mil morrem antes da primeira semana de vida.

O Unicef alertou no relatório que a renda *per capita* familiar desses 21 milhões de brasileiros carentes chegou próximo a US\$ 40/mês, porque 2,9 milhões de crianças entre 5 e 14 anos estão trabalhando. Na faixa etária entre 10 e 16 anos a situação piora: são 5,7 milhões de pequenos trabalhadores nessa idade.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), cerca de 250 milhões de crianças entre 5 e 14 anos trabalham em horário integral ou meio período. Desse número, 61% estão na Ásia, 32% na África e 7% na América Latina; se considerarmos o número de crianças de cada continente, os índices alteram-se: 41% das crianças africanas trabalham, 22% das asiáticas e 17% das crianças latino-americanas.

Dentre as atividades realizadas por crianças, encontram-se as mais degradantes e perigosas: prostituição, pornografia, ações militares, trabalhos em minas. Além disso, é preciso levar em conta o trabalho doméstico de natureza não-econômica, realizado, principalmente, por meninas.

ALGUNS DEPOIMENTOS

Durante muitos anos de minha vida só conhecia meu país, o Cambodja, pelas histórias que me contavam. O que me contavam é que o Cambodja era um país em guerra, onde as pessoas morriam ou se convertiam em refugiados como eu. Durante a maior parte de minha vida, minha casa era um grande campo de refugiados na Tailândia. Não estou certo se nasci lá. Meu irmão e irmã nasceram. Foi ali que nossos pais nos abandonaram...

[Narin, um menino de 13 anos]

Em minha cidade natal ao sul do Sudão, havia combates por todos os lugares. Não havia colégio e as únicas coisas a fazer era cuidar dos animais e jogar. Durante muito tempo, sonhava em escapar daquele lugar para viver onde não houvesse guerras, onde pudesse ir de novo ao colégio, onde tivesse comida e onde as bombas não pudessem ferir as cabras de meu pai. Uma mulher, nossa vizinha, vivia só com seus filhos, pois seu marido havia morrido em combate. Quando ela saiu, compreendi que era tempo de partir. Havia muita gente caminhando pela estrada. Eu não tinha nada, nem comida, nem roupas.

[Jacob, Sudão, África]

Meu nome é Amra, tenho 13 anos, venho de uma cidade da Bósnia, situada a 30 quilômetros de Djakovo. Tenho uma irmã de 6 anos, Zelma. Mas tenho outra de 9 anos. Não sei exatamente onde ela está. Estamos muito preocupados por ela. A Bósnia era um lugar especial. O melhor lugar do mundo. Gostava muito de meu país. Mas começou a guerra e vi morrer muita gente. Incendiavam as casas. Como não tínhamos muito para comer, meu pai, meu irmão e minha irmã Elma foram para a casa de meus avós. Minha mãe enviou a mim e Zelma para o povoado de minha avó. Mas os soldados chegaram e mataram muita gente. Minha mãe veio em seguida e nos levou para a Croácia. Ela tentou buscar a Elma, mas houve uma explosão na ponte e não pudemos passar. Depois de mais de 24 horas de viagem, chegamos a um centro de refugiados que tem mais de 3 mil pessoas. Depois de algum tempo, fomos para a Suíça.

[Amra, 13 anos, Bósnia]

Não levei nada comigo, já que pensamos que seria apenas por alguns dias. Em alguns meses, fomos desalojados três vezes. Um dia ouvi que alguém com o nome de minha mãe estava num centro de refugiados de Pokrovskoe. Segui desesperada, procurando em todos os rostos das mulheres, mas não a encontrei. Não posso falar de futuro, porque não o vejo como possível. Gostaria de ser médica. Mas já estou há tanto tempo longe da escola que teria vergonha de voltar.

[Milana, 16 anos, Chechênia]

Extraídos de *Oigan lo que los niños dicen*. In: **El niño refugiado**. ACNUR, s.d.

Estes milhares de refugiados e as demais crianças do mundo cuja infância lhes foi negada não podem esperar. É urgente um movimento mundial contra essa destruição da humanidade.

[Zilda Iokoi, São Paulo]

PROJETO ÊXODOS: PROGRAMA EDUCACIONAL

COORDENAÇÃO GERAL

SESC São Paulo

Amazonas images

BEI comunicação

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Iris Kantor

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Mariângela Abbatempo

Dóris Larizzatti

Lidia Tolaba

Stela da S. Ferreira

COORDENAÇÃO

Zilda Márcia Gricoli Iokoi

EQUIPE

Maria Blassioli

Mauricio Cardoso

Luiz Fernando Martini (mapas)

Marilena Vizentin

Pedro Ivo Gricoli Iokoi

CONSULTORIA

Oswaldo Coggiola

Leila L. G. Hernandez

REVISÃO E PREPARAÇÃO DO TEXTO

Maria Carolina de Araújo

PROJETO GRÁFICO

Elaine Ramos

Laura Teixeira

Guilherme Wisnik

EDITORAÇÃO

Estúdio O.L.M.

PRODUÇÃO GRÁFICA

Luis Filipe Alvim

AGRADECIMENTOS

Sorri Brasil, Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), APEOESP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade de São Paulo, Guilherme Cunha, Heloisa Pires Lima, Heitor Frugoli, Betty Mindlin, Fernando de Almeida, Milton Santos.

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO EM SCALASERIF E SCALASANS. FORAM PRODUZIDOS 2000 EXEMPLARES
EM PAPEL COUCHÉ BVS 120 G/M² PELA TAKANO INDÚSTRIA GRÁFICA EM ABRIL DE 2000.